

ZZ7

Cr\$ 4,00



LOU CARRIGAN

O SALÁRIO TERRÍVEL

— OUSO IMAGINAR
QUE TRAZ AI
UMA PISTOLA,
DUQUESA,
— DISSE PIERSON.





Uma lembrança da primeira missão da agente Baby para a CIA: Contrabando de esmeraldas da Colômbia para financiar a compra de armas pesadas em Cuba para uma revolução armada no Caribe.

<><><>

© 1969 - LOU CARRIGAN

SALARIO DE ESPIAS

22 de outubro de 1962

Publicado No Brasil Pela Editora Monterrey

Ilustração De Capa: Benício

JVS - 450216/450219

FLAGRANTE

O carro parou a pouca distância do bangalô, com as rodas quase metidas na água do mar.

Dentro estavam um homem e uma anciã toda de preto, com aspecto severo, que se mostrou impertinente ao olhar para casa pela janela do carro.

— Bem, *mister* Pierson — murmurou a dama — parece que está vazia. Evidentemente, os pássaros bateram as asas... Lamentável, porque eram os principais chefes da organização.

— Eu lhe disse que avisasse “Baby” — protestou o bem-apegoado Karl Pierson. — No entanto, a senhora tão idosa, insistiu em cuidar pessoalmente do assunto. Nada mais posso fazer.

— Já fez o bastante. Sé nos resta visitar esse bangalô para ver se encontramos algo interessante.

— Acho que será perder tempo, mas já não importa. Vamos.

Ao descerem do carro, a velha mostrou-se muito prudente, como se temesse molhar seus arcaicos sapatos.

— Ouso imaginar que porta uma pistola, Duquesa... — disse Karl Pierson, irônico.

— Oh, sim... Eu nunca me descuido de certas precauções. Mas não se preocupe, porque os chefes já se foram. Uma falta de sorte...

A despeito de estar a casa às escuras e parecer realmente desocupada, os dois se aproximaram com o máximo cuidado.

A anciã empurrou a porta com decisão e entrou com passo ágil, apoiando-se numa bengala com castão de prata. Karl Pierson entrou atrás dela e acendeu a luz.

Foi uma surpresa desagradável.

— Ah... — disse uma voz às costas dos intrusos.

— Sejam bem-vindos, amigos. Teremos, porventura, a honra de falar com a Duquesa de Montpelier?

Ambos se viraram, erguendo os braços lentamente. Deparam com dois homens. Um deles era gordo, baixo, de óculos escuros, a despeito de ser noite. O outro era alto, muito feio, com uma horrível cicatriz que lhe atravessava o rosto e uma barba grisalha, espessa, revolta. Via-se nitidamente uma grande crueldade em seus olhos escuros. Naturalmente, cada um deles empunhava alentado revólver.

— De fato — assentiu a velha — sou Annette Simonet, Duquesa de Montpelier. E vocês, embora ainda não se tenham apresentado, devem ser os chefes da organização que...

— Que a senhora aniquilou, Duquesa — interrompeu-a o mais baixo dos dois. — Coisa assombrosa para uma dama tão aristocrática e débil.

— Eu tomei o elixir da juventude — disse a velhota, sorrindo. — Podemos abaixar os braços?

— Não... Queira desculpar, usas ainda não. Evidentemente, tem seguido instruções da mulher diabólica que aniquilou minha organização — disse o barbudo. — Para falar a verdade, nós a esperávamos. Onde está? Podemos trocar a sua vida pela dela...

— Bem... Acho que já estou um pouco velha para aceitar essa proposta. “Baby” tem muito mais vida pela frente, de modo que me conformarei com a minha morte.

— Não aceita a troca? — espantou-se o homem da barba revolta. — É a sua vida pela dela!

— Não aceito e isso por uma razão muito simples, *monsieur*.

A velha baixou a mão direita num gesto de cansaço. Da manga do vestido, caiu-lhe Da mão uma pistolinha cuja coronha de madrepérola brilhou ligeiramente. No instante seguinte ela já havia disparado. O individuo de óculos escuros deu um grito, efetuou uma pirueta para trás, girando e caindo de bruços com um furinho no meio da testa. O barbudo não perdeu tempo; apontou para a velhota “inofensiva” e apertou o gatilho.

Assombroso: ela era tão ágil como uma gata! Numa fração de segundo, saltou para um lado, deixou-se cair de joelhos e tornou a disparar. O barbudo recebeu a bala no olho direito. Rodopiou e caiu de costas, com um olho aberto e o outro despedaçado pelo tiro.

Em seguida, com uma velocidade que só se podia esperar de uma adolescente, a Duquesa de Montpelier voltou-se para Karl Pierson, empunhando a pistolinha e com os olhos irradiando malícia. Ele, que levava a mão direita à axila esquerda, provavelmente para sacar uma arma, tornou a erguer o braço precipitadamente, sobressaltado.

— Ei! — gritou. — Sou eu, Duquesa!

Estava intensamente pálido, diversamente da velhota, que se mostrava muita serena.

— Tranqüilize-se, Pierson — sorriu ela. — Abaixе as mãos, homem de Deus!

Parecendo descuidar de sua presença, levantou as salas deixando à mostra um par de pernas maravilhosas, desprendendo de uma delas um maço de cigarros. Retirou

um e, em vez de levá-lo à boca, aproximou dela o maço, dizendo:

— Johnny!

— Fale, “Baby”.

— Tudo terminado. Venha buscar-me no bangalô. Quanto tempo acha que irá demorar?

— Não sei... Eu esperava uma solução menos rápida. Meia hora?

— Está bem.

A surpreendente senhora desligou o radinho, tornou a olhar para Pierson, sorriu e meteu a pequena pistola no decote.

— Virão buscar-nos? — indagou ele, com um sopro de voz.

— Dentro de meia hora.

— Eu... eu ouvi. Bem... Tive a impressão de que a chamaram “Baby”. Está claro que devo ter ouvido mal...

— Ouviu muito bem, *mister* Pierson.

A Duquesa de Montpelier retirou a peruca, as lentes de contato, a massa plástica do rosto, o vestido... Em poucos segundos surgiu diante dos olhos do assustado Pierson uma jovem de cabelos negros e olhos celestiais, irradiando beleza em sua blusa de jérsei azul e um curto *short*, de linho branco, tudo muito justo.

— Mas... mas...

— Por que se assusta, *mister* Pierson?

— Sur... surpreendente! Você me disse que “Baby” não poderia vir, que...!

— Acalme-se. São pequenos truques de uma espia veterana. Nem sempre se pode confiar nas criaturas. Não

leve a mal, porém eu só acredito cegamente em mim mesma.

— Então... você é mesmo “Baby”?

— Em carne e osso. Vamos para a praia, porque lá deve estar mais fresco. Além disso, estou doida para fumar e poderei apanhar os cigarros na maletinha.

Dai a pouco os dois estavam na praia, fumando. A espiã cravou a bengala na areia e olhou para Karl Pierson, divertida.

— Ainda não saiu do espanto, *mister* Pierson?

— Com mil diabos, não sei... Você sozinha exterminou a perigosa organização e matou seus chefes como... como se estivessem bêbados. Parecia uma pobre velha... Não me diga que não tenho o direito de estar perplexo!

— Tem todo o direito — riu-se Brigitte Montfort — mas não deve exagerar. É mera questão de treinamento, de conhecimento do mundo, das gentes, das cidades, das mentiras... Posso afirmar que não nasci astuta e tão bem preparada.

— Parece inacreditável. Dá a impressão de sempre ter sido uma máquina perfeita.

— Oh, não! — riu-se de novo a criatura diabólica — Nem sempre. Como todo mundo, tive de começar cometendo erros, alguns deles lamentáveis. Quando eu ainda estava aprendendo, matei seis espões de uma só vez, levando uma descompostura do meu chefe, porque teria sido mais proveitoso para CIA conservá-los vivos.

— E ainda estava aprendendo... De que modo se tornou a melhor espiã do inundo? Deve ser uma história fascinante.

— Gostaria de conhecer a minha história, hem? Bom... Acho que temos tempo de sobra. Eu lhe poderia contar

como se deu a minha primeira aventura, mas temo que lhe seja enfadonho.

— Oh, não! Em absoluta! Na verdade, estou ansioso por ouvi-la!

Brigitte contemplou a brasa do cigarro, com ar pensativo.

— A princípio, realizei alguns trabalhos sem importância para a CIA. Podemos começar pela primeira missão realmente significativa, a qual teve início com um trágico prelúdio na Jamaica, sem a minha participação imediata, pois, aquela altura, eu ainda aspirava pertencer à *Central Intelligence Agency*. Entrei no enredo mais tarde. Imagine, *mister Pierson*, que...

PRELÚDIO NA JAMAICA

*Sombras nascidas da escuridão da noite
O ignoto caminho das esmeraldas
Fúria selvagem contra um corpo morto...*

A lancha parou junto às rochas da orla litorânea, depois de vencer os últimos cento e cinqüenta metros com o motor parado, a remo. O homem que vinha remando saltou para as pedras, escondendo-se entre elas. Empunhava uma pistola.

Ouvia-se apenas o ruído das ondas. A uns cem metros na direção da terra, via-se uma casa bem iluminada.

O homem ficou uns cinco minutos esperando, imóvel, olhando para todos os lados. Via apenas um pequeno iate que flutuava a pouca distância e, na praia, o pequeno telheiro feito de troncos e folhas de palmeira.

Finalmente, saltou das rochas para a areia e correu até junto das primeiras palmeiras. Quase havia chegado lá quando uma sombra apareceu diante dele, saída de trás de

uma rocha, Assustou-se, ergueu a pistola e... recebeu violentíssimo pontapé no baixo-ventre. Dobrou-se ao meio, para frente, deixando cair a arma.

Outro homem entrou em cena, desferindo-lhe um pontapé nos rins que o lançou de braços no chão. Ainda estava com a cabeça quase enterrada na areia quando levou outro pontapé, desta vez na altura do estômago, de lado. Seguiram-se mais três, em rápida seqüência.

O último a bater recolheu a pistola da areia e tornou a aproximar-se dele, com intenções visivelmente malévolas.

Foi quando duas sombras de mulher, altas, esguias, empunhando revólveres, surgiram como por encanto de um conjunto de palmeiras.

— Está bem, Morton, já chega... — disse uma das mulheres. — Vejamos o que diz *mister* Rutherford. Anne, vá dizer-lhe que o agente da CIA caiu na cilada, como previu Pedraza.

A outra mulher afastou-se rapidamente, encaminhando-se para acaso. Regressou em menos de três minutos acompanhada de três homens. Um deles era gigantesco, destacando-se nele um gorro de marinheiro. Também vestia japona de marujo. Um dos outros dois apressou-se em sujeitar o maltratado agente da CIA. o qual ficou, assim, firmemente imobilizado entre três homens, um dos quais era preto.

O último personagem, homem corpulento, calvo, vestindo apenas uma túnica muito fresca e adequada ao clima, ergueu a mão, chamando a atenção de todos.

Morton, Salters, Jolion: agarrem-no bem. Vocês, Annie e Florrie. fiquem atentas. Não quero que tenha a menor possibilidade de intentar algum truque.

— Fez uma pausa, voltando-se para o gigante: — Como é, Pedraza: é esse o tal que o estava seguindo?

— É, *mister* Rutherford. Tenho toda a certeza — respondeu o marujo.

— Eu o vi com outro sujeito em Kingston — asseverou Morton. — Era um indivíduo louro, seco, de olhos claros. Pareciam grandes amigos.

— Também deve ser da CIA opinou Rutherford, — Onde está ele?

— Não sei, *mister* Rutherford, porque nos concentramos em capturar este. Chama-se Sam Hagerty, segundo consta da ficha do hotel em que está hospedado.

— Bem... — Wilson Rutherford ergueu a cabeça de Hagerty segurando-o pelos cabelos. — Parece que está em maus lençóis, *mister* Hagerty. Pertence mesmo à CIA?

Sacudiu brutalmente o homem da CIA, porém ele nem sequer se queixou. Conseguiu erguer a cabeça e, na escuridão, seus olhos brilharam com angustiada expressão de firmeza.

— Não falará — disse José Pedraza, o marujo. — Deixe-o comigo, *mister* Rutherford.

— É preciso tentar — consentiu este. — O homem louro que perambula por Kingston pode tornar-se perigoso. Hagerty tem de dizer onde ele está. Bata firme, Pedraza.

O marujo se adiantou sorridente, mostrando dentes muito alvos. Seu punho fortíssimo atingiu em cheio o estômago do americano, que soltou um uivo e ficou pendurado nos braços do negro Jolion e dos brancos Morton e Salters. Wilson Rutherford tornou a erguer a cabeça do agente da CIA, sempre a puxando pelos cabelos.

— *Mister* Hagerty, antes do senhor, cuidamos de um companheiro seu que se dizia chamar Albert Connors. Deve entender bem: isto não é uma brincadeira. Onde está o homem louro que foi visto em sua companhia?

— Vá... para o... inferno... suíno! — gemeu o prisioneiro.

— É para onde irá se não responder minhas perguntas. Que sabe do caminho das esmeraldas?

Samuel Hagerty estava com a boca cheia de sangue. Aparentemente, os golpes no baixo-ventre, nos rins e no estômago lhe tinham causado sérios danos internos. Mas o que fez foi cuspir sangue no rosto de Rutherford, o qual recuou de um salto, rosnando de nojo. Simultaneamente, as duas mulheres se adiantaram, golpeando o americano com cutiladas de caratê no dorso, na cabeça e na garganta. Hagerty tornou a ficar pendurado nos braços de Jolion, Morton e Salters. Uma das mulheres apontou o revólver para sua cabeça.

— Posso matá-lo, *mister* Rutherford?

— Não assim: destroçando-o. Façam-no vocês mesmas, Anne e Florrie. Deverá arrepende-se de me cuspir no rosto!

Num minuto, as duas mulheres, como verdadeiras panteras, deixaram o agente desfigurado, golpeando-o apenas com as mãos, que pareciam verdadeiras achas de lenha. A cada golpe, os ossos e as carnes de Samuel Hagerty, estalavam tetricamente. Estava bem claro que as duas feras louras sabiam perfeitamente onde bater. Sem dúvida o americano teria sido esquartejado a cutiladas de caratê se o próprio Rutherford não tivesse detido a fúria animalesca das duas mulheres de corpo escultural.

— Não se cansem mais... — disse o corpulento Rutherford. — Já está quase morto. Joguem-no no ‘depósito’ de agentes da CIA. Espero que tenha mais cuidado da próxima vez. Pedraza. Agora, termine você mesmo o trabalho.

— Está bem, *mister* Rutherford! — entusiasmou-se o marujo.

José Pedraza sacou de uma navalha, apertou o botão e a lâmina se projetou para fora do cabo. Segundos depois, ouvia-se o tétrico chiado do rasgar de carnes, enquanto o brutamontes, às gargalhadas, continuava retalhando o corpo do agente Samuel Hagerty, já morto.

CAPÍTULO SEGUNDO

*Cinco pares de olhos pregados numa tela
Uma faceta especial de caráter, reservada para momentos oportunos
Enterro com musica de dança*

No silêncio da sala ouviu-se uma voz masculina:

— Podem iniciar a projeção!

Um rosto de mulher apareceu imediatamente na tela e um murmúrio de admiração ecoou contra as paredes.

Era um filme colorido e a primeira coisa a chamar atenção foram uns maravilhosos olhos azuis, grandes, rasgados. O rosto era fino, ovalado, emoldurado por negra e brilhante cabeleira. Maças ligeiramente pronunciadas e nariz pequeno, reto gracioso. Sobrancelhas bem traçadas, impecáveis; lábios róseos, sorridentes, o superior graciosamente pronunciado; uma deliciosa covinha no queixo. O conjunto era de impressionante beleza. Sem dúvida aquela figura adorável faria qualquer homem cair em êxtase.

Os lábios encantadores se moveram e uma voz maviosa chegou nitidamente aos ouvidos de todos:

— Como estão, senhores? Eu sou Brigitte Montfort. Tenho vinte e três anos e moro no “Crystal Building”, Quinta Avenida, Nova Iorque, com a minha fiel empregada, a simpática e ingênua Peggy. Nasci exatamente a dois de julho de mil novecentos e trinta e nove. Minha mãe foi a famosíssima Giselle, espiã francesa. Meu pai foi um estrategista alemão: Fritz Bierrenbach. Ambos se conheceram antes da Segunda Guerra Mundial e amaram-se apaixonadamente. Sou o fruto desse amor e nasci numa clínica suíça. Pouco tempo depois, meu pai, sem dúvida sabendo a guerra iminente, me seqüestrou, enviando-me para os Estados Unidos, onde parentes seus me adotaram, naturalizando-me americana e dando-me aprimorada educação. Ao que parece, meu pai morreu durante a guerra. Quanto à minha mãe, deu muito que falar na França, em toda a Europa. Desesperada com a perda da filha e empurrada pelas circunstâncias, tornou-se a espiã cujas fabulosas façanhas eu, muito sobrepujaram as de Mata Hari. Minha mãe foi, para os *maquis*, uma espécie de santa protetora. Ajudou-os por todos os meios, sem medir sacrifícios pessoais. Finalmente, os alemães reuniram provas contra ela e num dia fatídico fuzilaram-na, completamente nua, no pátio da prisão de Cherche-Midi.

A cena mudou, vendo-se agora a formosíssima jovem metida numa banheira, coberta de espuma. Ela ensaboava os ombros com gestos sinuosos, provocantes.

— Enquanto tudo isso acontecia — sorriu a jovem, com os olhos luminosos novamente voltados para a câmara — a vida era boa e plácida para mim. Os meus pais adotivos

eram riquíssimos e, embora de procedência alemã, jamais tiveram qualquer dificuldades porque se haviam naturalizado americanos. Fiz rapidamente todo o curso primário e, logo, o secundário; ingressei na Universidade de Colúmbia, onde, sem falsa modéstia, sempre fui a primeira em tudo e me fiz querida por professores e colegas. Com apenas vinte anos diplomei-me em Jornalismo e Charles Pitzer, que vocês conhecem perfeitamente, providenciou meu ingresso no “Morning News”, o jornal de maior tiragem de Nova Iorque. Aí, conheci Frank Minello, meu eterno adorador, e o meu chefe, Miky Grogan, o qual, diga-se de passagem, declarou prontamente que eu não necessitava de recomendações para ocupar o melhor cargo no seu jornal. Atualmente, sou a responsável pela Seção Internacional e, evidentemente, Miky Grogan está satisfeito com a minha atuação. Ganho muito dinheiro, vivo bem, viajo a valer. Conheço cinco idiomas: inglês, russo, alemão, francês e espanhol. Estou estudando italiano e, assim que aprender, estudarei português. Depois, virão o japonês e o chinês. Mera questão de tempo e paciência... Não se assustem.

A jovem começou a sair do banho e dez olhos se arregalaram. Viram os ombros, o princípio do busto e... a projeção foi ligeiramente interrompida. Quando reiniciada, Brigitte Montfort estava de roupão, sentada num sofá de luxuoso *living* Acendia um cigarro, enquanto uma jovem loura, bonita, de expressão simpática, servia-lhe uma taça de champanha com uma cereja no fundo.

O olhar azul pareceu cravar-se nos olhos de cada espectador.

— Lamento a decepção, porém o ato de sair do banho é coisa muito íntima para qualquer jovem. Ela — apontou o dedinho para a loura, que sorriu amavelmente — é Peggy, minha empregadinha de confiança. Agora, continuemos com a minha história — soltou uma baforada, fazendo rodinhas com a fumaça. — Já lhes falei de meus conhecimentos idiomáticos. Passemos a outros setores. Conheço política, literatura, pintura, zoologia, história, geografia, arqueologia e música, bem como ciências naturais, médicas e eletrônicas. Como se costuma dizer: de tudo, um pouco. Pratico quase todos os esportes. Sei que tenho caráter bem formado, reconhecendo nele uma faceta especial, mas que reservo para os momentos oportunos. Jamais perco a paciência ou o controle dos nervos. Posso ser fria como o gelo ou cálida como o sol praiano, dependendo das circunstâncias. Jamais discuto: simplesmente faço o que devo. Nunca matei, porém estou convencida de que, quando matar alguém pela primeira vez, não sentirei nada. Espero superar com a lucidez de minha inteligência o trauma provocado pela primeira eliminação de uma vida. É óbvio que não pretendo matar uma criança, sejam quais forem as circunstâncias. Por outro lado, considero-me capaz de eliminar qualquer adulto merecedor de minha reprovação. Sem trauma psicológico, porque só matarei uma pessoa quando me convencer da necessidade de fazê-lo. Não lhes desejo parecer monstruosamente fria. Se quiserem, poderão comparar minha atitude a esse respeito à de um cirurgião diante de um tumor. É desagradável ter que abrir o corpo de uma criatura, porém a extirpação do tumor torna-se necessária. Para mim, as

peessoas que eu me veja obrigada a matar serão tumores da humanidade. E, já que falamos na humanidade...

A cena mudou. Agora, Brigitte Montfort estava sentada á mesa de seu escritório, diante da máquina de escrever. Acendeu outro cigano e olhou de novo para a objetiva, ou seja, para aquele grupo de homens deslumbrados.

— Antes de jantar, eu lhes falava da humanidade — prosseguiu, sorridente. — Há seres que, evidentemente, não merecem fazer parte dela. Se as criaturas contra as quais me enviarão forem desse tipo, podem considerá-las mortas. Porém há um detalhe que deverá ficar esclarecido desde o início: não será a CIA que se utilizará de mim, mas eu que me utilizarei da CIA. Refiro-me aos recursos fabulosos da nossa espionagem internacional. Se me aceitarem, realizarei qualquer missão em favor de nossa pátria. Mas prestem muita atenção a isto: eu *jamais* aceitarei missão alguma que, embora beneficiando os Estados Unidos ou a CIA, prejudique o resto do mundo. Quero que fiquem bem cientes deste pormenor. Está bem? Muito obrigada.

A loura Peggy surgiu no escritório, serviu-lhe café, olhou de relance para a câmara de filmagem e saiu.

— Passemos agora às supostas aptidões que me tornariam merecedora de fazer parte da CIA. Como devem saber, pelo *dossiê* facilitado por *mister* Charles Pitzer, eu já realizei alguns trabalhos para ele. Bem pequenos. Quero convencer-me da minha capacidade para fazer muito mais. Meu objetivo: humanizar a espionagem em todos os seus aspectos e lutar pela paz. *Exclusivamente pela paz*. Sei manejar qualquer tipo de arma, operar qualquer emissora de rádio e pilotar qualquer avião, bem como qualquer helicóptero. No tocante à defesa pessoal, sou faixa-preta do

quinto grau de judô e estou bem adiantada em caratê, preparando-me para o *teakwando*¹. Não tenho preconceitos raciais, políticos, sociais, culturais, religiosos... Embora há muito tempo se diga que o branco é branco, eu só acreditarei nisso quando o vir com meus próprios olhos. Poderia ter oferecido há mais tempo meus serviços à CIA, porém não me considerava preparada. Agora, estou cem por cento. Perguntem a *mister* Pitzer. Sei que há três grupos na CIA: Grupo Geral, Grupo Especial e Grupo de Ação. Sem desmerecer ninguém, quero ingressar diretamente no terceiro grupo, do qual fazem parte somente os privilegiados. Estarei sendo presunçosa? É possível. Contudo, acho, honestamente, que impor-me obediência ao sistema de escalões seria o mesmo que dispor de uma águia para grandes vôos e cortar-lhe as asas por mera rotina. Se duvidam de minha capacidade para a ação, ponham-me à prova em missão de morte, sem qualquer responsabilidade para os senhores. A seguir, verão um filme sobre a minha pessoa. Nele poderão contemplar-me à vontade...

Desapareceu a cena no escritório e, imediatamente, viu-se *miss* Montfort passeando numa praia. Estava de biquíni, com um chapeuzinho de palha azul.

Os altos dirigentes da CIA ficaram ao mesmo tempo empolgados e perplexos. Nada havia de artificial e frio. Nada!

Quando terminou a projeção, o próprio Charles Pitzer, chefe do Setor Nova-Iorquino da CIA, teve de acender as luzes, porque os outros chefões pareciam hipnotizados. O

¹ A descrição das exigências para se aprender o taekwando é feita em *Vento da Malásia*

silêncio ainda perdurou por alguns minutos, até que o ocupante da presidência da mesa ovalada se decidisse a olhar para Pitzer, dizendo:

— Muito impressionante a sua candidata, Charles, porém tem dois graves defeitos: é belíssima e muito jovem.

— Ela já realizou pequenos trabalhos para mim com grande eficiência. Não tem uma falha sequer. Compreenda que na jamais proporia alguém para o Grupo de Ação sem antes submeter esse alguém a duras provas,

— Deverá passar pelos nossos testes e provas físicas. Um agente do Grupo de Ação tem de ser uma máquina perfeita. Charles. Você sabe.

— Se o que desejam é uma máquina, podem esquecer Brigitte; mas, se querem e estão dispostos a admitir um agente de solidez mental e moral a toda prova, podem contar com ela.

— Uma pergunta, Charles: se dependesse exclusivamente de você, não vacilaria em admiti-la?

— Agora mesmo.

— Pondo-a imediatamente à prova?

— No ato de admiti-la.

— Isso, partindo de você, é a melhor das recomendações, Charles.

— Sei o que digo. Conheço-a muito bem. De há muito esperava que ela oferecesse os seus serviços, porém soube esperar até considerar-se perfeitamente habilitada. Está em ponto de bala...

— Bem... Você chefia há mais de quinze anos o setor de Nova Iorque. A nossa confiança em seu julgamento é ilimitada, de modo que submeteremos *miss* Montfort a uma prova. Contudo, deve ficar bem claro que o Governo dos

Estados Unidos e a própria CIA não terão responsabilidade alguma pelo que lhe acontecer.

— Isso é normal em todas as provas da CIA — disse *Pitzer*, sorrindo.

— Tem em mente alguma missão especial que nos permita conhecer a sua capacidade?

— O “Caso Esmeraldas”.

O silêncio imperou novamente na sala. O presidente da Junta de Admissão de Agentes da CIA ficou olhando para Charles *Pitzer* com ar de incredulidade.

— Você está brincando, não, Charles?..

— Não estou.

— Sabe que Albert Connors e Sam Hagerty, dois de nossos melhores elementos do Grupo de Combate, morreram nessa missão?

— Sem dúvida. Por isso mesmo quero confiá-la a Brigitte Montfort.

A Junta deliberou durante uns minutos antes que seu presidente se dirigisse outra vez a Charles *Pitzer*.

— E se *miss* Montfort morrer nessa missão?

— Se morrer, nós a enterraremos com música de dança, para satisfazer a um de seus caprichos.

— Concedido. Senhores, está encerrada a sessão.

CAPÍTULO TERCEIRO

Primeira missão, em Kingston, Jamaica

Um teste de memória visual

Armas cabanas ou... russos?

No luxuoso apartamento do “Crystal Building”, Charles Pitzer foi recebido pela jovem e simpática Peggy, que o libertou do chapéu e do sobretudo, conduzindo-o ao *living*.

Em poucos segundos Brigitte surgiu e Pitzer desinteressou-se imediatamente dos livros, dos objetos de arte, dos quadros... A jovem, com um *negligé* alarmante, de um vermelho intenso, anulava a presença de tudo o mais. Pitzer engoliu em seco ao vislumbrar as formas de Brigitte sob tanta transparência.

— Meu querido Tio Charlie — disse ela, estendendo-lhe as mãos. — Fez boa viagem?

Pitzer apressou-se em segurar aquelas mãos, beijando-as entusiasticamente

— Sempre tão impetuoso... Traz boas notícias? Oh, por favor, meu querido tio, sente-se.

Deixou-se cair graciosamente no sofá, mostrando um pedaço de perna que fez o coração de Pitzer dar pinotes, levando-o a resistir um pouco ao convite para sentar-se.

— Você... você me deixa louco, Brigitte. Não sei se faz isso de propósito ou...

— Pode estar certo de que não tenho a intenção de conquistá-lo. Você não é o meu tipo: muito baixo e com um coração duro como pedra.

— Mas se você o deixa mole como um pudim...

— Pois eu lhe avisarei quando estiver com vontade de comer pudim. Tenho a impressão de que as minhas pernas o atraem, tio Charles. Por que não senta ao meu lado?

Perderá, panoramicamente falando, mas ganhará em proximidade.

— Ah! Grata perspectiva!

Sentou-se tão colado a Brigitte que ela teve de se afastar.

— Por favor, contenha-se, Tio Charlie!

— Vamos jantar juntos?

— Ainda? Vocês são invariáveis.

— Vocês? A quem mais se refere?

— Você, Frank Minello, *mister* Grogan... Não perdem a mania de me convidar para jantar. Porém eu vejo nos olhos dos três certos desejos ignóbeis e, portanto, continuo dizendo: Não! Em troca, posso convidá-lo para uma taça de champanha, mas não alimente por isso qualquer esperança de maior intimidade.

— Está sendo cruel! — protestou Pitzer.

— Como deve ser todo espião. Tenho de me acostumar a não ser bondosa, para não comprometer minha carreira. Fui aceita?

Peggy entrou trazendo uma garrafa de “Perignon” da safra de 1955 e duas taças com cereja no fundo.

— Custou-me grande trabalho para convencê-los disse Pitzer —, mas acabaram concordando... sob certas condições.

A alegria desapareceu do rosto de Brigitte.

— Isentaram-se de quais quer responsabilidades, bem? — indagou.

— Isso mesmo. Terá todo o material necessário e um intérprete em Kingston, Jamaica. Será tudo. Se for morta ou mesmo detida, a CIA e até o nosso Governo negarão qualquer conhecimento de suas atividades. Tive que me responsabilizar pessoalmente por você. Por escrito.

— Talvez eu o esteja comprometendo demais. Não quero prejudicá-lo, Tio Charlie. Há outros serviços secretos no mundo e posso trabalhar para eles.

— Não! — sobressaltou-se Pitzer. — Nem fale nisso, querida! Eu lhe ensinei algumas coisas e você aprendeu outras tantas sozinha. Tenho confiança absoluta em sua capacidade, Brigitte!

— A ponto de responsabilizar-se por minha possível morte?

— Eu já pensei seriamente nisso e ainda me pergunto se estou agindo com sensatez. Sei que tem confiança ilimitada em si mesma e eu próprio a encorajei para a espionagem porque identifiquei qualidades excepcionais em você, porém, dois de nossos agentes também eram dotados de confiança própria e qualidades invejáveis e, a despeito disso, ainda não regressaram da Jamaica. Simplesmente perdemos suas pistas. Pensando bem, enviá-la a Kingston é uma completa loucura. Quase me sinto um... assassino.

— Tio Charlie: não estou obedecendo a suas ordens, de modo que seria uma tolice considerar-se responsável. Eu lhe imploro que me deixe saber, na prática, se minha vocação é realmente espionar em favor da paz. Irei à Jamaica, tentarei resolver o “Caso Esmeraldas” e, caso perceba que me faltam as qualidades necessárias, abandonarei a missão, regressando imediatamente a Nova Iorque. Talvez minha vocação real seja para a diplomacia, mas só poderei saber ao certo experimentando... Estava de acordo com isso. Pretende recuar?

Charles Pitzer ficou olhando para o azul profundo dos olhos de sua protegida. Não mais havia neles a doçura costumeira, mas uma fria, consciente, férrea determinação. Brigitte acendeu um cigarro e só então fez um sinal a Peggy para que servisse o champanha.

— “Domenico Pierre Perignon” de 55... — disse. — Quer que retire a cereja da taça?

— Gosto de você e de tudo que você gosta.

— Se todo velho fosse tão saliente, Tio Charlie, as jovens estariam em constante perigo.

Peggy se retirou.

— Como é? Vou ou não para a Jamaica?

E ergueu a taça, como se não esperasse resposta.

— Está bem — murmurou Pitzer, — e que Deus me perdoe.

— Transmitirei esse seu pedido pessoalmente, se me mandarem para o céu — disse ela, sorrindo. — E agora, ponha-me ao corrente de minha... missão.

Pitzer assentiu com a cabeça e abriu uma pasta, extraindo uma fotografia grande, que mostrou a Brigitte. Era o rosto de um homem.

— Chama-se Johnny Kononem. É um agente nosso, de categoria secundária, que a estará esperando em Kingston. Reside na ilha e lhe dará todos os detalhes necessários sobre a Jamaica. Ao mesmo tempo, será o incumbido de lhe facilitar certo material que julguei conveniente por à sua disposição. Não esquecerá a fisionomia e o nome do homem?

— Não.

Pitzer guardou a foto na pasta e retirou outras duas, que também exibiu.

— Albert Connors e Samuel Hagerty. Dois agentes do Grupo de Ação. Foram sucessivamente enviados à Jamaica por causa do assunto das esmeraldas. Não tivemos mais notícias deles. Johnny Kononem só sabe que desapareceram. Também guardará seus nomes e fisionomias de memória?

— Também. Morreram?

— Não sabemos. Veja agora esta outra foto. Frederick Cooper. É, desde 1960, isto é, há dois anos, o nosso agente principal na República Dominicana, sempre nos fornecendo informações preciosas sobre os acontecimentos políticos nesse país tão agitado. Com paciência e argúcia, conseguiu infiltrar-se num dos grupos revolucionários. Você já deve saber como estão as coisas por lá: todo o mundo quer assumir o poder, dizendo, cada qual, que dirigirá o país melhor do que qualquer outro. Caso a situação se torne difícil na Jamaica, desloque-se para a República Dominicana, especificamente para Puerto Plata, que é onde o nosso Fred Cooper está agindo neste momento, ligado ao maior grupo de militares até hoje rebelados. Ele providenciará para que você seja recambiada para cá si e salva. De acordo?

— Sem dúvida. Entendo que só deverei recorrer a Cooper em caso de risco iminente.

— Em pessoa, sim; porém poderá consultá-lo por meio do transmissor que Johnny Kononem tem oculto em sua residência de Kingston. O alcance desse aparelho é mais que suficiente.

— Entendido.

— Veja mais esta fotografia. É o general dominicano Marcial Diosdado López. Dirige o grupo de militares que

querem assumir o poder para o bem da pátria. Fred Cooper nos mantém amplamente informados sobre seus movimentos e avanços. Não esqueça isso, porque dentro de poucos minutos reconhecerá sua importância. Visto e entendido?

— *Okay.*

— Mais fotos... Primeiro, a deste barco. É um cargueiro chamado “Guajira”, de matrícula colombiana. Cada quinze dias toca no porto de Kingston. Este — mostrou a outra fotografia —, é José Pedraza, comandante do “Guajira”. Visto?

— Visto.

— Não esquecerá nenhum desses rostos?

— Nenhum.

— Ótimo — exclamou Pitzer, recolhendo todo o material e guardando-o na pasta. — Agora, vejamos os fatos. Como já disse, a cada quinze dias o “Guajira” chega a Kingston. A cada quinze dias, em Puerto Plata, República Dominicana, o general Marcos Diosdado López recebe uma remessa de esmeraldas avaliada aproximadamente em quinhentos mil dólares. Nós relacionamos os dois fatos: o “Guajira” chega a Kingston, seu comandante José Pedraza entrega as esmeraldas a alguém e esse alguém as envia, por sua vez, a Puerto Plata, para que cheguem às mãos do general López. Todas as nossas investigações indicam que o “Guajira” traz esmeraldas colombianas, que são as melhores do mundo, para o general López. Com essas esmeraldas, ele está comprando grandes partidas de armamentos em Cuba.

— Tem certeza disso?

— Estamos certos. Certíssimos — frisou Pitzer.

— Não esqueça que Fred Cooper está metido nesse grupo dominicano. Segundo suas informações, as forças rebeldes do general Diosdado López já receberam armamentos procedentes de Cuba num total que ascende a oito milhões de dólares.

— Deus!

— As armas saem de uma localidade cubana chamada Baracoa, numa embarcação clandestina, sem matrícula, na qual chegam também a Baracoa as esmeraldas como pagamento das vendas cubanas.

— Cubanas... ou russas?

— Ai está o *xis* do problema — disse Pitzer, encarando Brigitte. — Esses oito milhões de dólares em armas estão sendo armazenados em certas grutas próximas a Puerto Plata, na República Dominicana. Quando o general López achar que tem o suficiente a revolução sangrenta não se fará esperar. E não creio que isso demore muito, pois já dispõe de armamentos suficientes. Ora, conquanto essas revoluções intestinas dominicanas nos desagradem bastante, são coisas da alçada dos próprios dominicanos. Portanto, parece-nos que devemos manter-nos à margem. Porém suspeitamos de que tais armas não são cubanas, mas facilitadas pelos russos com base em Cuba. Cabe perguntar se russos, cubanos e dominicanos não estarão coligados para organizar a rebelião, dominar a República Dominicana e, como já ocorreu em Cuba, instala um governo comunista.

— Teríamos de impedir a revolução do general Marcos Diosdado López para evitar a implantação do comunismo na República Dominicana.

— Exatamente — aprovou Pitzer, saboreando o champanha.

— A primeira coisa a fazer, nesse sentido, na seria destruir tais armas? Se Fred Cooper sabe onde estão, se conhece as grutas...

— Essa é uma questão à parte — sorriu secamente Pitzer —, que será resolvida no devido tempo, tomando-se as medidas convenientes no tocante às que já estão armazenadas. Mas limitemo-nos à sua missão, que será esta, concretamente: interromper o fornecimento de esmeraldas para o general López, Sem elas, não haverá mais armamentos.

— Talvez os cubanos continuassem a fornecê-los, pelos russos.

— Isso não! — sorriu agora astutamente Pitzer. — Os cubanos poderão vender armas, nunca ofertá-las, pois isso equivaleria, aos olhos dos comandados de López, a uma participação direta da revolução Dominicana. Não farão isso, porque seria muito comprometedor, tanto para Cuba como para a Rússia. Vender, sim; presentear, não. São coisas igualmente comprometedoras, porém em sentidos diversos.

— Entendo.

— Pois se entende já sabe o que tem a fazer: vá a Kingston, interesse-se pelo “Guajira” e determine o roteiro dessas esmeraldas até sua chegada as mãos do general. Uma vez localizadas as esmeraldas, apodere-se delas e elimine a rede de agentes comunistas. Alguma dúvida?

— Nenhuma.

— Considera-se capacitada para isso?

— Considero-me pelo menos capaz de tentar, Tio Charlie: eu jamais afirmei que...

— Já sei, já sei! Bem, você me pediu uma missão na qual empunhasse a batuta, para submeter-se a uma prova de fogo. Pois aí tem a sua primeira missão. Se triunfar, continuaremos juntos. Se fracassar, voltará a fazer pequenos trabalhos, como antes.

— Se fracassar — murmurou Brigitte —, esquecerei completamente a espionagem, Tio Charlie. Completamente!

— Eu lamentaria, mas aceito desde já sua decisão, seja qual for. Providenciarei uma passagem de avião para Kingston.

Brigitte sorriu docemente.

— Eu já comprei a passagem, Tio Charlie. Meu avião partirá amanhã às oito.

CAPÍTULO QUARTO

A agente “Baby” encontra o seu primeiro “Johnny”

Abecedário de trás para frente

A um tubarão do cais, uma isca loura...

Johnny Kononem era, sem dúvida, muito fotogênico, porque, pessoalmente, mostrava-se muito igual às suas fotografias. Rosto seco, cabelos louros, olhos claros, alto, delgado, ossudo, de aspecto agradavelmente másculo. Parado diante da saída dos passageiros de vôos internacionais, assistia à passagem de todos, expectante. Viu a garota muito loura e não lhe teria dado maior atenção caso ela não se postasse diante dele.

— *Mister* Kononem?

— Em pessoa.

— Sei que estava esperando por mim. Meu nome de viagem é Leona Wilkins. A contra-senha é *Nenhuma*.

— O carro está lá fora — disse o agente. — Já deve saber que dispõe de aposentos num hotel de Kingston, mas no momento será melhor que me acompanhe a outro lugar.

— *Okay.*

* * *

O bangalô de Kononen era muito bonito, rodeado de palmeiras e flores. Ficava a menos de cem metros da praia, a leste de Kingston, fora da cidade, na altura do centro da enseada. Havia grande tranqüilidade naquele lugar e, quando o carro parou, só se ouvia o murmúrio das ondas.

Desceram do carro e a jovem loura de olhos verdes se pôs ao sol, sorridente, admirando as gaivotas que faziam evoluções sobre o mar.

— Um lugar agradabilíssimo para nele se morar, *mister* Kononen.

— Para viver, qualquer lugar é bom.

— E, para morrer, qualquer lugar é ruim. Acertei?

— Em cheio. Vamos entrar?

* * *

Caminharam sob o sol do meio-dia, muito agradável. O outono talvez seja a melhor estação jamaicana. Subiram à varanda e Kononen abriu a porta branca, de persianas, dando passagem à jovem. Tomou a fechar e, com um gesto amplo, ofereceu à bela visitante todo o conforto do agradável *living*, esportivo, descuidado sem dúvida, mas acolhedor. Havia um luxo que só se pode permitir o homem solteiro com ordenado polpudo. A luz do sol entrava suavizada pelas persianas.

A loura olhou ao redor: marinhas pelas paredes, livros diversos, caniços de pesca, circuladores de ar... Viu um espelho, entre dois enormes peixes empalhados, e se dirigiu

a ele. Retirou a peruca loura e as lentes de contato, deixando à mostra a belíssima cabeleira negra e os olhos de um azul luminoso profundo. Quando se virou para Kononen, alterou-se ligeiramente. Ele empunhava um revólver.

— Que houve? — perguntou. — Surpreso?

— Tranqüilizado. Agora, você é a jovem que me descreveram como Leona Wilkins.

— O meu verdadeiro nome...

— Não! — gritou Kononen. — Não quero saber! Não me interessa... Para mim, você é simplesmente Leona Wilkins. Rum com gelo ou com soda?

— Fica a seu critério. Alguma novidade?

— Não. O marujo colombiano que trabalha para nós tampouco saberá de coisas alguma desta vez. Quando chegar, dirá simplesmente que nenhuma embarcação se aproximou do “Guajira” e que, portanto, se também há esmeraldas nesta viagem, não foram retiradas do navio.

— Ou seja, que, por algum processo ignorado, as esmeraldas chegarão uma vez mais a Kingston. Desconcertante, não?

— Sem dúvida. Quando nos inteiramos do que estava acontecendo, fui eu o incumbido de vigiar o comandante José Pedraza. Após alguns fracassos, enviaram Albert Connors, que desapareceu. Logo a seguir, Sam Hagerty, que também desapareceu. Felizmente, eram agentes experimentados, veteranos, não me comprometendo, de modo que pude continuar na Jamaica... com vida.

— Acha que eu o comprometerei?

— De modo geral — respondeu Kononen, quase num sussurro —, as espãs não agradam profissionalmente aos espões. Caso desconheça o fato, *miss* Wilkins, eu lhe direi

que toda resistência humana tem limite. Por motivos óbvios, a resistência da mulher é inferior à do homem.

— Está aí uma coisa que lamento de todo o coração. Espero não ter que delatá-lo.

— Eu o sentiria mais por sua causa, pois isso lhe significaria maus momentos. Quanto a mim, seria difícilimo me apanharem vivo. Quer ver a emissora de rádio, ou prefere almoçar primeiro?

— Primeiro o rádio.

Kononen levou-a ao seu quarto, afastou um tapete de palha; levantou uma tábua do soalho e ergueu a emissora por meio de um mecanismo simples: a própria tábua usada como alavanca.

— O esconderijo não é muito engenhoso, porém os mais simples são justamente os que dão melhor resultado. Saberá usá-lo caso se faça necessário? Procure observar bem os seus controles.

— Esteja descansado, “Johnny”: saberei usá-lo.

— Ótimo. Passemos às faixas de comunicação. Conhece o nosso próprio sistema de numerar os comprimentos de onda?

— Quase completamente, pois já fiz alguns trabalhos empregando-o. Segundo entendo, você se comunica com Fred Cooper, em Puerto Plata, pelo sistema do calendário.

— Isso mesmo. Como você já sabe que sistema empregamos, talvez lhe seja fácil entendê-lo: nos dias ímpares, é utilizado o algarismo 1 para o primeiro número; nos dias pares, o número 2. Quando o mês tem 30 dias, o algarismo final será 0; quando tem 31, logicamente, é utilizado o algarismo 1. Temos, assim, o primeiro e o último algarismo da freqüência, os quais podem ser,

respectivamente, o algarismo 1 e o algarismo 2, segundo se trate de dia ímpar ou par. E o último algarismo será 0 ou 1, segundo o mês tenha 30 ou 31 dias, respectivamente. Em fevereiro, claro, o último algarismo será 8 ou 9. Agora, faltam os dois algarismos do meio da frequência. Pois bem: esses dois algarismos serão os correspondentes à data do dia em que seja feita a chamada. Se a data for de um só algarismo, isto é, quando a chamada seja feita, digamos, num dia 7, acrescenta-se um 0 à esquerda do algarismo significativo. Está entendendo?

— Estou.

— Deveras? — sorriu Kononen. — Bem, hoje é 22 de outubro de 1962. Está claro que o ano não importa. Você teria de chamar Cooper, que está em Puerto Plata. Que comprimento de onda usaria?

Brigitte Montfort respondeu sem vacilação:

— 2-2-2-1.

— Formidável! — entusiasmou-se Kononen. — Quanto à sua identificação de modo a não deixar dúvidas de que pertence à CIA, dirá: *abecedário da frente para trás chama abecedário de trás para frente*.

— Entendido — disse Brigitte, com a alegria de uma garota de escola primária ao entender uma lição.

— Agora, iremos almoçar. Depois, dormiremos a sesta, coisa muito conveniente. Creio que traz o seu radinho de bolso devidamente sintonizado para as nossas brincadeiras na Jamaica...

— De fato.

— Faça uso dele, de preferência a qualquer outro meio de comunicação. A despeito disso, eu lhe darei o número do meu telefone. Confio em que tenha entendido o fato de

todas as ocorrências que nos trouxeram aqui indicarem a presença de uma organização bem preparada.

— Sugere que teriam de enviar mais agente. para cuidar do assunto?

— Bem... Não. A maioria se faz necessária na República Dominicana — Kononen já havia escondido de novo a emissora e os dois estavam saindo do quarto para o *living*.

— Por outro lado, estamos convencidos de que José Pedraza é muito esperto. Além disso, já está alertado pelas intervenções de Connors e Hagerty. Para conseguirmos algo do comandante Pedraza teríamos de atacá-lo diretamente, porém o máximo que conseguiríamos seria eliminá-lo. Pouca coisa, porque isso não impediria o prosseguimento das remessas de esmeraldas por outros meios. O mais sensato, no momento, será girarmos em tomo de Pedraza, já que temos a sua pista. Naturalmente, estará prevenido pela atuação dos nossos colegas desaparecidos, mas é de se supor que não se imaginará vigiado por uma mulher. Isso poderá ser importante para nós, porquanto Pedraza é sabidamente... temperamental. Veja — meteu dois dedos na terra de uma grande jardineira, retirando duas chaves: — são do meu carro. Tenho três jogos de chaves. Um deles fica sempre comigo, outro está sob o tapete de borracha do carro e este é o terceiro — tornou a enterrar as chaves na jardineira. — Entendido? — ela assentiu com a cabeça e ele prosseguiu: — Também tenho uma lancha na Doca 5. Está sendo reparada por um amigo chamado Nicholas. Se você for até o cais, logo verá seu letreiro: “Nick — Eoats Repair”. *Okay?*

— *Okay.*

— Acha que me excedo em precauções?

— Nunca são demasiadas...

— Ainda bem que compreende. Está com fome, ou almoçou no avião?

— Estou com muita fome.

— Pois então é minha convidada.

— Muito amável — sorriu Brigitte. — Terei de cozinhar em troca do convite?

— Podemos dividir a tarefa — quem sorriu desta vez foi ele. — É sempre interessante cozinhar ao lado de uma mulher. Talvez chegue a ser muito conveniente. Depois do almoço, discutiremos os detalhes do “Caso Esmeraldas”. Quando anoitecer eu a levarei para ver o helicóptero.

* * *

Movendo apenas um galho muito grande, Johnny Kononen afastou um montão de folhas, deixando à mostra pequeno helicóptero. Tinha asas retrácteis, o que permitia escondê-lo facilmente. O local distava apenas dois quilômetros e meio do bangalô, sendo pouco provável que alguém se aproximasse dali.

— É um lugar seguro — murmurou Johnny —, mas não pense que vivo muito tranquilo. Esta parte da selva é praticamente impenetrável, porém nunca se sabe... Felizmente esse aparelho só está sob os meus cuidados há três dias, para ser posto à disposição do agente que seria enviado, ou seja, à sua. Quer experimentá-lo?

— Não é necessário.

— Está bem. Mas precisa saber de uma coisa: há armas nesse helicóptero. Uma pistola, uma metralhadora ligeira e granadas especiais de grande potência, as quais podem ser lançadas a mão ou por meio de um fuzil especial que também faz parte do material de bordo. Todas essas

granadas, lançadas juntas, podam em sério perigo qualquer navio de tonelagem média.

— Como o “Guajira”, por exemplo?

— Por exemplo... — sorriu Kononen, homem, extremamente simpático a despeito de muito ponderado. — Embarque, pois será melhor que eu lhe mostre onde está esse arsenal, Ah, naturalmente, os tanques estão sempre cheios de combustível. Não se esqueça de fixar bem as aspas em suas sedes antes de empreender o vôo. Esses aparelhos são muito inflamáveis e, em caso de acidente, só se pode esperar a morte por carbonização.

— Levarei todos os seus conselhos em conta, Johnny.

Embarcaram e Johnny Kononen mostrou o esconderijo o armamento em um contraplacado interno na fuselagem, da cauda. A luz da lua, Brigitte inspecionou ligeiramente os comandos e o painel de instrumentos. Saíram do helicóptero em silêncio e, a um sinal de Kononen, ela repôs a camuflagem sobre o aparelho, merecendo a aprovação do colega.

Voltaram ao bangalô como tinham ido ao esconderijo; a pé. Brigitte retirou sua única maleta do porta-malas do carro de Kononen e trocou de roupa ali mesmo, diante dos olhos do espião, que manteve seu controle.

— Pronta para conhecer o hotel — disse ela, finalmente.

Entraram no carro e Kononen arrancou.

— Seu hotel chama-se “Blue Bay”. Embora sem luxo, é bonito e agradável. Fica na Sea Road. Por indicação minha, os nossos chefes em Nova Iorque lhe reservaram aposentos.

— Onde mora José Pedraza? Ou será que não sai do navio?

— Sai a todo o vapor sempre que ataca — brincou Johnny. — Eu já lhe disse que é homem muito temperamental. Assim que põe os pés em terra, corre para o “Red Clipper Hotel”. Uma vez lá, tome banho, troca de roupa e sai a pé. Invariavelmente, encaminha-se de volta ao dais, que é o seu ambiente, e, também invariavelmente, entra numa taberna chamada “A Vida Feliz” O nome é bastante simpático, mas não se dá o mesmo quanto à taberna. Lá a promiscuidade racial é gritante: brancas e pretas disputam a freguesia masculina, exercendo violentamente a mais antiga das profissões femininas.

— Esperemos que ele goste das louras.

— Teria coragem de chegar a esse extremo? — sorriu Kononen, irônico.

— Chego sempre até onde seja necessário, Johnny.

— Muito louvável... Mas não se fie. Pedraza é rude e desavergonhado. Acima de tudo, perigoso.

Se desconfiar que, desta vez, a CIA enviou-lhe uma mulher para vigiá-lo, não trepidará em lhe cortar o pescoço. Talvez seja melhor arranjar outro meio.

— Primeiro experimentaremos esse. Os homens como Pedraza não costumam ser muito espertos. São brutos, desconfiados, perigosos, mas, via de regra, imbecis.

— Espero que tudo lhe corra bem. Teremos apenas de esperar a chegada do “Guajira”, o que deverá ocorrer dentro de vinte e duas horas. Pedraza seguirá, invariavelmente, o roteiro que já descrevi.

— Esperemos que ele goste das louras — repetiu Brigitte Montfort, sorrindo maliciosamente para Johnny Kononen.

CAPÍTULO QUINTO

*Uma bela da noite jamaicana
A conveniência de mangas bem compridas
Um simples cadáver não destrói uma pista*

Por volta das dez e quinze, o gigantesco comandante Pedraza chegou ao “A Vida Feliz” impecável em sua camisa azul-claro, sua gravata azul mais escuro e sua jaqueta azul-marinho, com botões dourados. Era moreno, de fisionomia dura, olhos pequenos, vivazes. Nariz grosso e barba tão o forte que, embora tivesse acabado de se escanhoar, ela continuava azulando-lhe o rosto. Sobrancelhas espessas, queixo enorme, cabelos longos e muito crespos. Com quase dois metros de altura, espadaúdo, mãos descomunais e olhar de águia, não podia ser desejado para inimigo.

Não obstante, era comunicativo e até agradável. Quando ria, mostrava dentes brancos e regulares, destacando-se muito em seu rosto trigueiro. E quando o comandante José Pedraza andava em terra, sorria o tempo todo. Buscava sua taberna favorita, comprava um litro de uísque, sentava-se a uma das mesas e era imediatamente rodeado pelas mulheres, que riam de suas piadas e disputavam entre si o momento final, que tinha lugar pela madrugada, sobre um montão de dinheiro.

José Pedraza já era o centro de um círculo feminino, cinco minutos depois de entrar no “A Vida Feliz”, quando surgiu a ruiva, Os olhos pequenas e agudos do comandante logo notaram sua presença. Atônito, ele contemplou a jovem dos pés à cabeça, detendo-se, empolgadíssimo, nos pontos mais interessantes. Ela também olhou para ele,

sorriu e continuou andando para o balcão, onde pediu algo. Pedraza não conseguia sair do espanto. Aquela jovem de vestido preto colante, muito curto e decotado com excesso de ousadia, era uma novidade!

A loura foi servida no balcão, ergueu o copo. virou ligeiramente a cabeça para onde se encontrava o marujo e tornou a sorrir, um tanto timidamente, dir-se-ia que maravilhada com a imponente presença do formidável exemplar masculino chamado José Pedraza. Depois, desviou os olhos e começou a tomar seu uísque, ignorando os olhares cobiçosos de todos os homens.

— Por todas as serpentes marinhas urrou Pedraza. — Quem é essa “dona”?

— É nova... — informou contrafeita uma negra, cujo decote era abismal. — Esteve aqui ontem pela primeira vez.

— Ah, sim? E o que estará procurando por estas bandas?

As duas negras e as três brancas que bebiam o rum de José Pedraza soltaram adúladora gargalhada ante a óbvia piada do marujo.

— Mistério, Pedraza... — comentou uma das brancas.

— A pequena é muito exigente — informou outra branca. — Esteve aqui durante toda a noite de ontem, mas só aceitou companhia para beber. Pelo jeito, não foi com a cara de nenhum.

— É? Pois parece que com a minha sim...

— Você está conosco! protestou uma das negras.

— Vão todas para o inferno! Podem beber o que quiserem, que eu pago. Aquela que me aborrecer sentirá o peso deste punho! — exibiu uma verdadeira marreta.

Segundos depois, já com o gorro de marujo, Pedraza debruçava-se no balcão, junto à loura, olhando-a

descaradamente. Ela também olhou para ele, sorriu uma vez mais e continuou bebendo.

— Olá, *guaricha*? — saudou ele, cheio de confiança própria.

A loura olhou-o amavelmente, porém demonstrou não compreender:

— *Guaricha*?

— Não sabe o que é uma *guaricha*? É uma fêmea — disse Pedraza, cínico. — É como chamamos as... garotas na minha terra. Também chamamos assim os afeminados.

— Ah!

— De onde você é?

— Espanha.

— Da Espanha?! Pensei que todas as espanholas fossem morenas de olhos negros, deste tamanho...!

— Não gosta dos meus olhos?

Pedraza aproximou-se ainda mais da loura, até seus ombros se tocarem,

— Gosto de tudo em você. Disseram-me que *you* é novata aqui e... muito exigente. Talvez não saiba ao certo em que antro se meteu, hem?

— Sei muito bem onde me meto — disse ela, muito calma —, porém sou de fato exigente. O dinheiro não é tudo na vida.

— Ora essa!... — riu-se Pedraza. — Que outra coisa importante pode haver, além do dinheiro?

— Muitas coisas. A boa companhia, por exemplo... Nem todos os homens são boa companhia para uma *guaricha* como eu, marujo.

— De fato. Que lhe pareço?

Ela olhou-o de cima a baixo, sorrindo.

— Pelo menos tem boa fachada. E parece educado.

José Pedraza ficou estupefato.

— Educado? Bem, talvez... Está buscando homens educados neste antro, *guaricha*?

— Sempre é possível encontrar algum. Ou quase sempre.

— E que faz quando encontra esse tipo de homem? Admitamos que você encontre um de boa fachada, aparentemente educado, Que faz, então?

— Peço-lhe que me convide... Você me convida?

Pedraza ficou olhando para ela fixamente.

— Gosta deste lugar? — perguntou, após alguns segundos.

— Não muito, porém uma garota que conheci em... longe daqui me disse que este lugar era o melhor de Kingston, e que eu devia preferi-lo caso algum dia desse com os ossos na Jamaica.

— Lindos ossos...

— Tenho coisas melhores que os ossos, marujo. Como é? Você me convida, ou não?

— Gosta de beber?

— É um modo como outro qualquer de se passar o tempo.

— Há modos melhores. Quero dizer que se pode beber e passar melhor do que aqui... Que tal uma garrafa a dois, num lugar mais íntimo?

— Onde foi, mesmo, que ouvi isso antes? — sorriu a loura.

José Pedraza deu uma risada, passando a mão enorme pelo ombro desnudo da jovem.

— Qual a resposta? — perguntou. — Poderíamos passar momentos sensacionais... Vê aquelas *guarichas* que estavam comigo? Pois sentem ganas de lhe arrancar os olhos. Será melhor sairmos juntos agora mesmo.

— Na minha pensão não admitem homens, meu bem.

— Esta aí uma coisa assombrosa! Mas não há problema: posso dispor do apartamento de um amigo, perto daqui. Há música e tudo, querida.

— Adoro música — disse ela, melosa.

— Posso telefonar ao meu amigo. Ele sairá a passeio até amanhã ao meio-dia, deixando-nos o apartamento. Que tal?

— Bem... Se há música e você vai levar uma garrafa de rum.

— Volto já... Não se mexa.

José Pedraza foi ao fundo da taberna, onde estava o telefone, e fez uma chamada. Falou durante dois minutos, desligou e voltou para junto da loura com a euforia dos vitoriosos. Pediu uma garrafa de rum, e, seguido pelos olhares ferozes das outras *guarichas*, saiu da taberna levando a loura pelo braço. Dois minutos depois, tendo-se desviado do cais, entraram numa ruela e daí a pouco transpunham sólido portal. A loura pareceu querer resistir à idéia de subir as escadas, porém Pedraza, como se não reparasse nisso, abraçou-a pela cintura e começou a subir.

Havia duas portas no primeiro andar e ele empurrou uma delas, sorrindo ao ver que se abria. Acabou de empurrá-la e os dois entraram, ainda abraçada.

Pedraza fechou a porta, acendeu a luz e se virou para a loura.

— Que acha? — perguntou, esperando aprovação.

Ela deu de ombros. Uma saleta sórdida, sem janelas, móveis velhos e pouca iluminação. A um lado havia um barzinho sobre o qual estavam um toca-discos antigo e uma pilha de discos empoeirados. Diante da porta de entrada havia outras duas. Uma levava à cozinha e a outra ao quarto. A direita deste, outra porta, que devia ser do banheiro. Lentamente, gingando, a loura foi até o quarto, acendeu a luz e olhou ao redor. Somente ali havia uma janela, que estava aberta mas protegida por uma veneziana. A cama era de ferro, velha.

— Há um ventilador — disse Pedraza, ao seu lado.

Ligou um interruptor e o ventilador de teto começou a zumbir, O ambiente era morrinhento, muito quente, porém o ventilador o melhorou bastante. Súbito, Pedraza abraçou a loura pela cintura, beijando-a brutalmente na boca. Ela se desvencilhou de seus braços, a custo, recuando alguns passos sob o olhar iracundo do marujo.

— Por que correr tanto? — perguntou a loura. — A noite é longa, querido... Como se chama?

— José — grunhiu Pedraza.

— Querido José; você não me havia prometido música e bebida?

— Está bem...

Saiu do quarto e segundo depois, a música surgia no malcheiroso ambiente, ao qual regressou de imediato Pedraza, sobraçando a garrafa de rum.

— Tome: beba, se necessita tanto disso.

Atirou-lhe a garrafa às mãos e ela, sorrindo, bebeu diretamente do gargalo, enquanto ele jogava o gorro para um lado. Depois, fez o mesmo com a jaqueta e com a bonita camisa azul-claro, deixando a mostra um tórax com

músculos colossais. Ela parou de beber e ficou olhando para ele fixamente, parecendo assustada.

— Faz calor — disse Pedraza. — Não está sentindo?

— Estou...

Deixou a garrafa sobre a mesinha de cabeceira, virando-se de costas para o marujo. Ele tornou a abraçá-la, beijando-a na nuca, enquanto seus músculos pareciam triturá-la. Depois, girou-a como se tosse uma pluma, beijando-a de novo aa boca.

A batida na porta fez Pedraza empertigar-se. Soltou a jovem e girou nos calcanhares, com a testa franzida.

— Alguém deve estar com as costas comichando esta noite — rosnou, furioso. — Comece a livrar-se dessa roupa, porque não demoro...

Saiu do quarto, fechando a porta. Depois, sempre com uma expressão feroz, abriu a porta da frente e ficou olhando para o homem que havia batido.

— Que houve, Morton? — perguntou, ríspido. — Combinamos que você só voltava ao meio-dia de amanhã, não foi?

Peter Morton, sujeito gritantemente ruivo e coei o rosto cheio de sardas, empurrou Pedraza, entrando no apartamento. Fechou a porta, apontou para o quarto e Pedraza disse que sim com a cabeça: ela estava lá dentro. O disco havia terminado e continuava girando à toa, chiando.

— Vocês foram seguidos por um homem — murmurou Morton. — Estava esperando num carro e seguiu-os até aqui. Depois, foi buscar o carro, estacionando-o à entrada da ruela. De lá pode ver muito bem a porta desta casa.

— Está certo disso? — empalideceu Pedraza.

— Claro que estou! — exclamou, raivoso, o homem dos cabelos cor de fogo. — E também estou cedo de que é americano, como eu. Quando você me disse haver encontrado uma *guaricha* nova, muito especial, eu quis vê-la e me postei perto do “A Vida Feliz”. Vi vocês saírem e, logo após, deparei com o homem que os seguia. Sai atrás dele, e caso lhe interesse lhe direi tratar-se do louro que costumava se encontrar com Hagerty, o “cara” da CIA, isso lhe sugere algo?

— Você tem certeza? — quase gritou agora Pedraza, insistindo.

— Vá para o inferno. Claro que tenho, idiota! Acha que em apenas quinze dias eu esqueceria a cara de um sujeito da CIA? É o mesmo que esteve com Hagerty. Vou cuidar dele, enquanto você se livra da loura. Mate essa mulher!

— Bem... talvez ela não seja...

— Eu já lhe disse que deve matá-la! Não podemos correr riscos. Se cometermos um engano, você já sabe como é o chefe. Ela fez alguma pergunta suspeita?

— Não... Pode ficar sossegado.

— Pois talvez esteja disposta a isso. Se não for assim, sinto muito porém terá de morrer.

— Escute, homem: matá-la antes de...? É muito bonita! A melhor *guaricha* que vi em toda a minha vida...

— Isso não me importa! Pode divertir-se antes com ela, porém mate-a assim que terminar. Seja rápido, porque, depois de liquidar o outro, irei buscar o carro na quinta para recolher os dois cadáveres. Está claro? Se falhar, terá de entender-se sozinho com o chefe.

— Está bem. Vou matá-la. Mas antes... — sorriu maliciosamente.

— Você é um porco — rosnou Morton. — Mas eu concordo: Não tardarei mais de uma hora. Muito cuidado, porque se ela for da CIA; não será precisamente uma mosca-morta. Não se fie.

Peter Morton saiu do apartamento, deixando José Pedraza decepcionado. Era uma lástima. Uma autentica lástima dispor apenas de uma hora para dedicar a tão formosa *guaricha*, mas... Em uma hora sempre se pode fazer algo.

Encaminhava-se para o quarto quando percebeu que já não havia música. Sorrindo maldosamente, colocou outro disco e, sem esperar que a música começasse, foi no encalço da presa. Entrou, fechou a porta e arregalou os olhos ao ver a loura vestida com a sua camisa azul-claro. Todas as roupas da jovem estavam sobre uma cadeira. Ela olhava para ele sorrindo graciosamente ridícula dentro da enorme camisa que lhe chegava até os joelhos. Sobrava quase um palmo de mangas, de modo que não se p.dia ver suas mãos. Estava deliciosamente tola e encantadora.

— Quem era? — perguntou.

— O meu amigo. Esqueceu algo e veio buscar... Já foi.

— Ótimo.

Pedraza deu um passo para ela, porém parou em seco, olhando o teto.

— Que diabo! O ventilador enguiçou!

— Não: eu o desliguei. Senti frio ao trocar de roupa...

— Como já está protegida com a minha camisa Pedraza tornou a ligar o ventilador —, façamos um pouco de ar para não morremos sufocados.

Ela aceitou a idéia e deitou-se na cama. Pedraza contemplou, arregalando os olhos. Estirou-se ao seu lado.

— José...

— Sim?

— Você sabe alguma coisa a respeito de umas esmeraldas que vêm da Colômbia? Refiro-me às que servem para o general Marcos Diosdado López comprar armas em Cuba.

Pedraza dera um salto na cama, logo à primeira frase, e agora olhava para a loura com os olhos quase saindo das órbitas.

— De que está falando? — gritou.

— Ora vamos, querido... Escute: podemos chegar a um acordo muito conveniente para ambos. Você me dirá tudo o que souber e eu arranjaré as coisas de modo que nada lhe aconteça. Dou garantia. Estou apenas interessada em interromper as remessas de esmeraldas. Você as traz no “Guajira”, não é verdade? A quem as entrega?

Pedraza olhava para ela de olhos baixos, entre incrédulo e estupefato. De repente, deu uma risada.

— Você está louca!

— Sei que precipitei os acontecimentos, mas às vezes o tempo é ouro. De qualquer modo, não tenho tanta pressa: posso ficar com você até o amanhecer, quando entraremos em ação.

— Você está redondamente enganada — murmurou Pedraza: — Vamos entrar em ação *agora mesmo*.

Envolveu com as mãos enormes o pescoço da jovem, porém não apertou imediatamente, parecendo querer gozar a delícia de um assassinato lento. Mas, contrariamente ao que esperava, ela não se alterou, embora sua voz brotasse um pouco tensa por causa da leve pressão na garganta.

— Então, José, não haverá um acordo entre nós?

— Não, *guaricha*, não haverá acordo; somente a morte.

— Pois eu sinto muito por você, um homenzarrão bem atraente...

Pedraza sentiu ligeiro impacto no lado esquerdo do peito, um golpezinho suave, que lhe produziu uma sensação de queimadura. E foi mais a queimadura do que a dor que o levou a erguer-se, separando-se da loura. Ficou olhando para a manga da sua camisa azul sem entender. A jovem também havia saltado da cama com uma velocidade imprevisível e, como o punho da camisa estivesse ardendo em chamas, livrou-se dela com um puxão. Ficou inteiramente nua, empunhando uma pistolinha. Pedraza entendeu o motivo do pequeno impacto: algo penetrara em seu corpo e agora ele começava a sentir dor.

— Tenho um ouvido muito fino, José — murmurou a jovem. — Escutei tudo o que vocês disseram, depois que a música parou e foi desligado o ventilador... Não haverá, mesmo, um acordo entre nós?

O gigantesco marujo se pós de pé, cambaleando, e, ofegante, estendeu as mãos descomunais para o pescoço da loura.

— Vou... vou liquid...!

Desta vez, a bala penetrou na cabeça de José Pedraza bem pelo meio da testa. Ele deu alguns passos aos tropeções, estancou e ficou alguns segundos parado, com os olhos muito abertos, mono. Despencou com grande ruído.

Brigitte Montfort não perdeu tempo contemplando o cadáver: já começara a vestir-se, rapidamente. Em menos de um minuto estava pronta. Recolheu a bolsinha e saltou pela janela, não parecendo impressionar-se com a morte de seu primeiro inimigo.

Reuniu-se a Johnny Kononen no cais antigo, onde estavam os barcos de pesca e de aluguel. Valendo-se de seus radinhos, não tiveram dificuldade alguma em se localizar mutuamente, junto a uma grande pilha de caixas que emitiam forte cheiro de pescado.

— Pôde segui-lo, Johnny?

— Até aqui... — disse Kononen. — Tal como você me avisou pelo radinho, o sujeito foi me procurar onde deixamos o carro, porém eu já havia partido. Ficou desconcertadíssimo e pareceu disposto a voltar para onde você estava com o marujo, mas finalmente veio para cá e embarcou numa lancha. Havia nela um velho pescador, barbudo e pequeno.

— Deve ter achado que você se havia escondido melhor e foi buscar ajuda para recolher o meu cadáver e, depois localizá-lo. Voltará bem acompanhado. Conseguiram identificá-lo, Johnny.

— A mim? — o agente empalideceu.

— Viram-no com Sam Hagerty.

— Santo Deus!

— Não me devia ter seguido, Johnny. Por que fez isso?

— Bem... Pareceu-me que talvez necessitasse de ajuda.

— Foi má idéia. Talvez eu tivesse conseguido conquistar a amizade de Pedraza.

— Sinto muito — rosnou Johnny.

— De qualquer modo, eu lhe agradeço — murmurou Brigitte, com doçura. — Não se preocupe, porque, embora eu tenha liquidado Pedraza, continuamos em boa pista. Receio que você deva se afastar do assunto, por ter sido identificado, mas, por enquanto, poderá continuar aqui,

aguardando o possível regresso da lancha. Irei de carro até porte da casa e, se possível, seguirei os que virão buscar o meu... cadáver. Terão uma surpresa. Procure não se deixar ver e me avise se houver novidades p.r aqui antes do que lá. De acordo?

— Claro.

— Até logo — Brigitte tomou suavemente uma das mãos do agente. — Não se preocupe: todos cometemos erros, Johnny. O importante é sabermos corrigi-los depois. Fique atento.

* * *

Vinte minutos mais tarde uma chamada pelo radinho obrigava Brigitte a reunir-se de novo a Kononen no mesmo ponto, junto às caixas de pescado vazias

— O velho voltou só na lancha — disse Johnny, apontando para o atracadouro. — Lá está ele. Parece disposto a zarpar novamente.

— Pois também desta vez levará passageiros. O carro dessa gente ainda vai demorar, pois concederam uma hora para Pedraza... desfrutar de minha companhia. Não ficaremos tanto tempo esperando, Johnny. Vejamos o que nos pode dizer esse pescador sobre o ruivo chamado Morton.

CAPÍTULO SEXTO

O velho e o mar
A procura de uma perigosa guaricha e seu companheiro
Bonita... Bonita... Bonita...

O pescador velho e barbudo estava acabando de arrumar a rede de arrasto a um lado da lancha, quando notou a oscilação desta e ouviu o impacto surdo de pés na coberta. Virou-se e deparou com uma mulher acompanhada de um homem que lhe apontava uma pistola. Os espões viram, à tênue luz do cais, a contração na fisionomia do marujo.

— Será melhor aceitar a situação com tranqüilidade — disse a jovem loura —, sem, contudo, esquecer que o meu companheiro está empunhando uma arma.

— Que... que desejam? Quem são vocês?

— Romeu e Julieta — sorriu Brigitte. — Você transportou um homem neste barco há pouco. Certo?

— Sim... sim, é certo...

— Seu amigo?

— Não! Juro que nunca o tinha visto antes!

— Não fique nervoso. Para onde o levou?

— Para uma praia, à direita da baía.

— Lembra-se do lugar exato? Poderia levar-nos até lá?

— Claro... Naturalmente!

— Pois então, em marcha! Rumo direto, amigo.

— Mas... mas... tenho de pescar... Saio sempre à noite. Se não for pescar...

— Aconselho-o a obedecer — disse friamente Johnny, movendo a pistola significativamente.

O barbudo quis passar a língua pelos lábios, porém o máximo que conseguia foi umedecer a barba. Sem mais protestos foi para o timão e, segundos depois, o barco a

motor se afastava do cais. Era uma embarcação pequena, consideravelmente ligeira. Cheirava a pescado de um modo pegajoso, mareante. Quando já navegavam pela baía, Brigitte deixou de olhar para o cais e postou-se junto ao velho, cuidando para não ficar entre ele e Johnny Kononen

— Que lhe disse o homem? — indagou do marujo.

— N-nada... Bem, ele me deu vinte libras. Sem dúvida compreendeu que me prejudicava afastando-me da pesca...

— Tampouco sairá perdendo conosco — sorriu Brigitte.

— Se a sua atuação nos agradar, nós lhe daremos caui libras. Será suficiente?

— Se me dessem cem libras toda noite eu não teria de pescar com a minha idade...

— Pois terá as cem libras esta noite. Talvez mais, se procurar agradar-nos. Que lhe disse aquele homem?

— Disse-me que me daria vinte libras se eu o levasse imediatamente a uma praia próxima. Costumo alugar o barco para a pesca, quando estou muito cansado. Bem... alguns turistas alugam o barco para pescar tubarões. Eu pretendia fazer-me ao mar esta noite, mas me pareceu que vinte libras justificavam um atraso na partida. Com cem libras por noite, eu nunca mais sairia...

— Costuma sair sozinho?

— Quase sempre; às vezes. Keno, um negro amigo meu, me acompanha. Porém é muito lerdo e prefiro que ele fique em casa. É um bobo que só tem tamanho e...

— Como se chama você?

— Archibald Waterfield. Todos conhecem o velho Archie no cais.

— Britânico?

— Sou. Porém cheguei há muitos anos à Jamaica e decidi ficar por aqui. Muitos acham isso uma loucura, quando, na verdade, loucura seria deixar este jardim florido para viver na Inglaterra. Acredite, *miss*, a Inglaterra é relativamente grande, porém.

— Entendo — disse Brigitte, quase rindo. — Eu também prefiro o clima tropical.

— Há monos problemas, não é mesmo? — riu-se o velhinho, na verdade muito simpático. — Além disso, tudo sai mais barato. Tudo. Começando pela comida e terminando com a roupa. Inclusive os hotéis. E as coisas vão mal, pode-se dormir debaixo das palmeiras e ninguém repara. Hê... he... hê... — riu-se, mais parecendo grasnar: — eu gostaria de ver alguém dormir à beira-mar na Inglaterra. Quando acordasse, estaria morto — brincou, dando uma olhadela marota para a jovem. — Quanto à comida, basta roubar umas frutas. Vá rouba frutas na Inglaterra! Hê. . bê... hê.

Brigitte tornou a sorrir. Johnny se afastara um pouco e olhava para o velho entre irônico e enfurecido. Evidentemente, passara o susto do pescador. O espião ofereceu cigarros a Brigitte, a qual, por sua vez, ofereceu-os a Archie Waterfield, que aceitou sorridente.

— Muito obrigado, *miss*... Não creio que sempre tenha passado bem na Jamaica. Essa idéia de roubar frutas não é honesta, porém, até conseguir dinheiro para comprar este barco, aos tostões, tive de fazer muita coisa pouco recomendável. Compreende?

— Acho que sim...

— Mas isso já passou. Vocês parecem boa gente, embora portando armas... Será que eu me meti em alguma

encrenca por descuido? Aquele homem era um sujeito perigoso?

— Não se preocupe por causa disso.

— Vocês não são ingleses; nem jamaicanos, claro. Americanos?

— Será melhor que se dedique ao seu trabalho! — rosnou Johnny.

Archie olhou-o com cara de poucos amigos, porém certamente lembrou-se de que ele tinha uma automática e decidiu obedecer. Só tornou a abrir a beca no momento oportuno.

— Foi nessa praia que deixei o homem — apontou.

— Pare o motor — ordenou Brigitte,

O velho obedeceu instantaneamente, enquanto Brigitte e Johnny percorriam a praia com o olhar. Viam-se algumas rochas flanqueando pequena enseada. As águas escuras apresentavam estranhos reflexos luminosos devido à iluminação intensa da quinta que se divisava ao fundo, entre muitas palmeiras. A luz refletia, cintilante, em pequeno iate branco fundeado muito perto da praia. Pouco adiante dele, já na praia, via-se um telheiro de troncos e folhas de palmeira.

Brigitte trocou um olhar com Johnny e apontou para as rochas, dirigindo-se ao velho marujo:

— Vamos para lá. Tem remos a bordo?

— Claro. Às vezes, o motor...

— Chega! — interrompeu-o Johnny.

Ele encontrou facilmente os remos, a despeito de Brigitte ter desligado as luzes do barco antes de se aproximarem da enseada. Empregando apenas um, levou o barco lenta e silenciosamente para as rochas. Por fim,

pararam. Ouvia-se apenas as ondas quebrando-se na areia e no casco da lancha, O mar eslava convenientemente tranqüilo.

— Fique aqui, Johnny, e não perca de vista o nosso amigo Archie.

— Que pretende fazer? — inquietou-se o espião.

— Por enquanto, apenas dar uma olhadela.

Saltou para as rochas, desaparecendo imediatamente na direção da terra firme. Johnny tornou a empunhar a pistola e olhou muito significativamente para o velho Archie, o qual aceitou a situação com inegável espírito filosófico: tomou do cachimbo, prendendo-o entre os dentes, sem se dar ao trabalho de acendê-lo. Depois, sentou-se na cobertura. Evidentemente, se aquilo era tudo o que teria de fazer para ganhar cem libras, estava sendo muito bem pago...

Brigitte regressou quinze minutos mais tarde, a toda a pressa, arquejante, saltando para a embarcação. Johnny ia dizer-lhe algo, porém ela apontou para o remo, agitada;

— Entre as rochas! Depressa!

Em poucos segundos o agente da CIA colocara a lancha completamente entre as rochas, num ponto tão escuro que os três de bordo nem sequer conseguiam ver-se uns aos outros. O barco oscilava pouco, mas de vez em quando se ouvia o roçar de seu casco nas pedras.

— Estão vindo para cá — murmurou Brigitte.

Apontou por entre duas rochas e Johnny viu boa parte da enseada arenosa. Em poucos segundos viu surgir um cano, com as rodas perigosamente metidas nas areias. Três homens saltaram.

— Trouxeram o cadáver de Pedraza — murmurou Brigitte. — Vão atirá-lo ao mar, num local a que chamam

“o depósito”. Ouvi a conversa deles. Há um homem a que chamam *mister* Rutherford e deve ser o chefe. É um sujeito gordo, alto, calvo. Evidentemente inglês, como o nosso Archie.

— Que faremos?

— Nada, por enquanto. O que estão fazendo já não prejudica ninguém. Além disso, são quatro homens e duas mulheres. Na verdade, duas mulheres... estranhas. Muito altas, de movimentos felinos. Parecem..., atletas ou algo assim. Virão a pé com o tal Rutherford. Estão preocupadíssimos, Johnny.

— Têm bons motivos... — sorriu sinistramente Johnny.
— Parece que desta vez as coisas não lhes estão saindo tão bem.

— Ouvi o tal Rutherford dizer que, depois de levarem Pedraza para o “depósito”, concentrarão seus esforços em me procurar. Ele quer que me encontrem a qualquer preço, pois ignora o que Pedraza me pode ter revelado antes de morrer.

— Pois então, que se dediquem, de corpo e alma, a procurar uma loura... — riu-se de novo Johnny.

— É. Que procurem uma loura de olhos verdes. Ido divertir-se bastante, porque... Psst!

Os três homens que tinham saído do carro estavam empurrando uma lancha até enfio oculta sob o telheiro de palha, levando-a para o mar. Naquele momento, apareceram as duas mulheres e o homem calvo, cuja cabeça brilhou na escuridão.

— Vamos depressa! — ouviram sua voz. — Têm de voltar imediatamente para Kingston! Anne e Florrie, ajudem esses inúteis!

As duas mulheres atléticas se apressaram a atender e sua ajuda se fez notar imediatamente, pois a lancha deslizou na areia como se já estivesse flutuando.

— Minha mãe! — exclamou Johnny, espantado. — E vá-se confiar no sexo frágil...

A lancha foi finalmente lançada ao mar e dois dos homens voltaram ao carro, enquanto o terceiro se punha nos comandos. Os dois reapareceram carregando o enorme cadáver de José Pedraza. Ajudados pelas duas mulheres atléticas, balançaram-no, soltando-o no momento oportuno para que caísse dentro da lancha. Os dois homens embarcaram e as mulheres foram para junto do tal Rutherford, que ordenou, acrimonioso:

— Depressa! Têm de encontrar essa louca e o homem da CIA antes do amanhecer! Levaremos o carro para casa!

A lancha partiu veloz e Rutherford se afastou com uma das mulheres, enquanto a outra entrava no carro, manobrava e arrancava, jogando areia para trás, num instante ultrapassando a dupla a caminho de casa.

Poucos segundos depois, os dois agentes da CIA e o assustadíssimo Archie Waterfield ficavam de novo sozinhos entre as rochas.

— Santo Deus! — exclamou o velho marujo. — Levavam um cadáver! E falaram da CIA e de uma louca que...

Ficou olhando alternadamente para Brigitte e Johnny, os três com os olhos já acostumados à escuridão do lugar. Viu o sorriso de Brigitte e sentiu o contato de sua mão no ombro.

— Tranqüilize-se, Archie — disse ela docemente. — Você está do lado da Lei.

— Vocês... vocês são da CIA?

— Não seja tão espertinho, amigo — disse Johnny, roucamente.

— Calem-se os dois e peguem um remo cada um, enquanto eu manobro o timão — interrompeu-os Brigitte. — Sairemos atrás dessa lancha. Se for possível...

— Agora Rutherford está sozinho com as duas mulheres — lembrou Johnny. — Poderíamos...

— Calma, Johnny. Os da lancha vão para o “depósito” e eu me pergunto: depósito de que? Tem de ser um lugar seguro. Não será o depósito de esmeraldas? Talvez de mais armas, também na Jamaica? Vejamos se conseguimos desvendar isso. Já sabemos onde encontrar Rutherford; portanto, será mais lógico ocupar-nos do depósito.

— Está bem — Johnny cedeu à lógica do argumento.

Ele e Archie empunharam remos, meteram-nos nas forquetas e começaram a remar com força, afastando-se das rochas. Ouvia-se o ronco da lancha ainda relativamente perto e via-se a sua marola cintilando aos primeiros raios de luar. O aparecimento da lua seria desvantajoso para os agentes da CIA, porque dificilmente se conseguiria distinguir a velha, escura e suja embarcação do não menos velho e sujo Archie.

Os dois remaram valorosamente até um quarto de milha mar adentro, sob o timoneio de Brigitte, que de repente ligou o motor, sobressaltando os remadores. A embarcação ainda avançou um pouco sem mudar de rumo, mas depois foi levada a navegar paralelamente à costa durante uns três a quatro minutos. Brigitte desligou o motor e, enquanto a lancha, que ganhara boa andadura, continuava deslizando, os três ouviram o motor da outra entre a terra e eles. Ligou

novamente o motor e continuou navegando paralelamente à costa, a meia milha dela. Essa manobra de desligar o motor, ouvir o ruído da outra lancha e ligá-lo de novo foi repetida três vezes. Na quarta, e quando ela já estava prestes a religar o motor da sua, Brigitte. Johnny e Archie notaram que o da outra lancha foi desligado.

— Pararam, finalmente! — exclamou baixinho Johnny, impressionado com a perícia náutica da colega.

— Aos remos, Johnny.

— Sim... Claro.

Novamente Johnny e Archie remaram com vigor desta vez para a costa. Não se ouvia o menor rumar indicativo da presença de uma lancha. Pior ainda: não se via em ponto algum a lancha branca de Rutherford!

Súbito, quando os agentes da CIA já estavam considerando a possibilidade do fracasso de sua estratégia, a lancha branca pareceu brotar das rochas costeiras, já com o motor rugindo. Os três se encolheram instintivamente. Quando o ronco do motor da lancha se foi perdendo na distância, Archie comentou com voz trêmula:

— Eu estava, há semanas, com a idéia de pintar meu barquinho de branco. Felizmente não tive tempo de fazê-lo! Vocês me meteram numa encrenca dos diabos...

Brigitte voltou aos comandos, pôs a lancha em marcha, deu uma guinada de cento e oitenta graus e rumou de volta a Kingston, ante o desconcerto de Johnny, que olhou para as rochas, perguntando:

— Não seria melhor nós...

— Archie — chamou Brigitte, sem fazer caso que ia dizer o colega: — você tem uma casa em Kingston, não é verdade? Nós a alugamos por quinhentas libras.

O velho pescador recebeu verdadeira marretada

— Escute, *miss*: eu não quero meter-me em mais entaladelas...

— Mil libras.

— É que...

— Duas mil.

— Puxa vida! — exclamou o velho, coçando a cabeça.

— Contrato firmado! Que me matem se eu tiver medo agora.

— Com duas mil libras poderá comprar uma lancha nova — riu-se Brigitte. — Johnny: o seu amigo Nicholas tem equipamento de mergulho?

— Não sei... É bem provável.

— Peça-o emprestado. E, se ele já tiver reparado a sua lancha...

— Esqueça isso — interrompeu-a Johnny: — Ele me disse, há apenas três dias, que levaria uma semana para fazer o trabalho.

— De qualquer modo, procure saber. Se ainda não estiver pronta, poderemos valer-nos deste barco. Teremos de conformar-nos. Porém será imprescindível dispormos de equipamento de homem-rã. Iremos agora à casa de Archie, pois lá estaremos mais seguros do que no hotel ou em seu bangalô. Depois, você irá avistar-se com o seu amigo Nicholas. Ficarei esperando com Archie.

* * *

— Quer mais café? — propôs Archie.

— Quero — aceitou Brigitte, olhando para o relógio de pulso. — Parece que esta noite não vamos dormir muito... Johnny está demorando demais.

— Poderá dormir, se quiser: ficarei de vigia.

Brigitte olhou uma vez mais com verdadeira admiração para Keno, o amigo negro de Archie Waterfield. Tinha, folgadoamente, um metro e noventa e cinco de altura, cabeça completamente raspada e olhos que se destacavam como dois ovos, com uma bolinha preta, em sua cara sorridente. A boca era enorme. A despeito de não parecer muito inteligente, era impressionante. Usava uma calça de zuarte remendada dezenas de vezes, que só lhe chegava aos joelhos, e uma camisa vermelha que parecia a ponto de rasgar-se cada vez que ele se mexia. Andava descalço pelo simples fato de não se fabricarem sandálias de tamanho suficiente para seus pés descomunais. Era, dos pés à cabeça, um amontoado de músculos. As mãos pareciam duas pás. Estava sentado a um canto da sala-cozinha, sobre caixas que cheiravam ativamente a pescado, imóvel, completamente fascinado pela beleza da espiã.

— Não, muito obrigada — disse Brigitte: — prefiro ficar acordada, Archie.

— Desconfia de mim? — perguntou o velho secamente.

— Não — negou ela, com um sorriso angelical. — Mas este momento é tão bom quanto outro qualquer para se aprender a não dormir.

— Como queira. Vou buscar mais café e, caso não se importe, tirarei uma soneca. Estou para morrer de cansado. Se estivéssemos pescando, seria diferente; mas aqui, sem...

Brigitte não entendeu o resto da frase, porque o velho pescador decidiu falar para si próprio, entre dentes. Preparou mais café, enquanto ela olhava uma vez mais ao redor. Cestos e caixas de pescado, redes velhas, móveis caindo aos pedaços, um sofá que apenas por milagre continuava de pé, uma escarradeira enorme, pontas de

cigarro por toda parte, montes de cinza de cachimbo, bicheiros pontiagudos mas enferrujados, cortiças para redes, jornais... E Keno, o gigante de ébano que continuava hipnotizado por ela, mostrando dentes cavallares, muito brancos, num sorriso ininterrupto. A espiã começava a sentir-se um tanto incomodada.

— Simpatiza comigo. Keno? — indagou, apenas para dizer algo.

— Muito! É muito bonita! Nunca vi coisa igual! — respondeu o negrão, num rugido.

— Keno — interveio Archie: — deixe a moça em paz. Vá dormir!

— Quero ficar aqui, Archie. Gosto de olhar para ela... Há! há! há!

Sua gargalhada sacudiu a casa. Devia ser interessantíssimo, como estudo, saber-se que idéias fantásticas povoavam seu pequeno cérebro.

— Ele é inofensivo — murmurou Archie, para tranquilizar Brigitte. — Nenhum de nós dois nunca viu mulher tão bonita. Mas eu sou inglês e ele não... Entendo?

— Oh... Isso explica tudo, não? — ironizou Brigitte, sorrindo.

— Bonita... Bonita... Bonita... — repetiu Keno, aos rugidos, oscilando o corpanzil como um *homo ferus* dos primórdios da raça humana.

— Você é muito amável, Keno — disse Brigitte, premiando-o com o mais encantador de seus sorrisos.

— Eu gostaria de dormir com você — afirmou o negro, muito sinceramente.

— Keno! — repreendeu-o Archie. — Já chega! Se tornar a importunar a moça...! — aproximou-se de Brigitte trazendo uma xícara de café fumegante.

— Por que não descansa um pouco, *miss*?

— Obrigada, Archie: vá você dormir.

O inglês olhou para Keno, preocupado, mas Brigitte logo o tranqüilizou.

— Não se inquiete, Archie, porque ele se portará como um bom menino. Não é verdade, Keno?

— É... Mas eu gostaria...

— Não precisa dizer, Keno: eu já sei de que você gostaria.

* * *

As batidas lhe chegaram como se acolchoadas. Ela abriu completamente os olhos e assustou-se um pouco ao deparar com Keno. O negro se havia acororado ao seu lado, boquiaberto, com um olhar de cobiça tão espontâneo e animalesco quanto suas palavras de pouco antes.

Brigitte levantou-se rapidamente, afastando-se do negro, que continuou acororado, imóvel. Aproximou-se da porta e sacudiu a cabeça para afastar o torpor do sono. Isso era mau: tinha de intensificar seu adestramento na arte de ficar acordada.

— Quem é? — perguntou, por fim.

— Johnny.

Abriu a porta e Johnny entrou, trazendo nos braços uma pilha de coisas que lhe roubavam a visão frontal. Deixou tudo cair ao chão e respirou fundo.

— Como eu previra, a lancha não está pronta. Teremos de usar o barco de Archie. Mas consegui tubos de ar, pés-de-pato, facas e lanternas aquáticas... E apenas uma roupa

de homem-rã, com as minhas medidas. Sinto muito, mas não foi possível encontrar uma para você.

— Não importa. Com isto temos o bastante.

Examinou o equipamento. As águas eram mornas naquela região, de modo que podia prescindir da roupa de borracha. Levantava-se, após examinar o material, quando Archie surgiu na porta do quarto, de cabelos e barba revoltos, procurando encontrar a manga da camisa entre uma infinidade de buracos. Keno continuava acocorado no mesmo lugar, profundamente decepcionado por não poder continuar contemplando a “bela adormecida”.

— Conseguiu a lancha? — perguntou Archie, sonolento.

— Não.

— Nem sempre as coisas saem como se quer... Bem, será melhor tomarmos o café da manhã.

— Nós, não, Archie — disse Brigitte — porque temos de mergulhar. Talvez isso não se faça necessário, mas será melhor estarmos de estômago vazio até concluirmos a nossa viagem pela costa.

Archie deu de ombros. Meteu no bolso alguns pedaços de pão e peixe seco, e mostrou o montão de equipamento submarino ao nego.

— Keno, leve tudo isso para o barco. Você ficará aqui e, se alguém perguntar por mim, diga que estou pescando. E não viu ninguém senão eu nesta casa, entendeu bem?

— Entendi. Archie.

— Bem... Não importa: ainda que não tenha entendido nada, se alguém perguntar por mim, diga que estou pescando. E não viu ninguém senão eu nesta casa. Dirá isso?

— Direi, Archie,

— Pois então, trate de levar tudo para bordo
— Será que ele agüenta com tudo? — indagou Brigitte
em tom de brincadeira,
O negro agarrou o monte de coisas e saiu.

CAPÍTULO SÉTIMO

*Um depósito que não era de esmeraldas
Entrevero subaquático
Quem está pensando em recorrer à Polícia?*

Tiveram de mergulhar, porque a gruta da qual saíra a lancha branca de Rutherford não havia coisa alguma: paredes de rocha e nada mais.

Já tinha amanhecido, mas os dois decidiram empregar as lanternas subaquáticas porque o interior das grutas submarinas era escuro. E não havia esmeraldas. A primeira coisa que os agentes da CIA viram foi o cadáver de José Pedraza, no fundo, bem lastreado.

Quase em seguida viram outro cadáver. Outro homem, horrorosamente inchado, como se lhe tivessem injetado ar. Também lastreado com igual eficácia. Mais outro cadáver, igualmente lastreado porém menos inchado que o segundo. Tanto que Brigitte, com óculos para mergulho e munida de lanterna, pôde reconhecê-lo: Samuel Hagerty. Vira-lhe a fotografia. A conclusão era fácil: o cadáver mais inchado era de Albert Connors, o outro agente da CIA desaparecido antes de Hagerty. Evidentemente, aquele “depósito” não era de esmeraldas...

Brigitte e Johnny examinaram o cadáver de Hagerty. Tinha o ventre aberto por vários cortes, exibindo as entranhas. Tudo esbranquiçado. Decidiram voltar à superfície, onde Archie os esperava no barco. Viraram-se e

tiveram outra visão, menos desagradável porém muito mais perigosa: dois seres vivos nadando para eles. Dois seres humanos. Duas mulheres que pareciam enormes pela prismatização de suas imagens nas águas. Avançavam lentamente, de biquíni, providas de tubos de ar, armadas de fuzil-arpão.

Brigitte deixou cair a lanterna depois de apontar a saída da gruta a Johnny. Conseguiram atingir a zona de visibilidade natural, porém isso não foi precisamente uma vantagem.

Dois arpões saíram disparados por ar comprimido. Brigitte realizou uma pirueta com o corpo e o arpão que lhe era destinado passou rente a ela, perdendo-se no fundo da gruta. Olhou para Johnny, que afundava, debatendo-se, com um arpão enfiado na coxa, pela parte de trás. O tubo de ar se desprendera de sua boca, por onde saíam borbulhas ascendentes, tumultuosamente. Sem vacilar um instante, Brigitte projetou-se para o fundo em busca do companheiro, ao mesmo tempo que uma das mulheres fazia o mesmo, largando o fuzil-arpão e empunhando uma faca com cabo de cortiça. A outra mulher recarregava o fuzil, recolhendo a linha do arpão. Em menos de dez segundos estaria pronta para disparar de novo.

A mulher da faca e Brigitte convergiam com rapidez para o espião que afundava cada vez mais lentamente. Tocou o fundo arenoso quando Brigitte, por cima dele, girou, sacando por sua vez de uma faca. Essa reação surpreendeu a mulher, colhendo-a desprevenida. Quis mudar de direção, porém Brigitte, junto a ela, manejou a faca para atingir-lhe o pescoço. Ela se encolheu, livrando-se de ser degolada, mas não impedindo que a lâmina cortasse o

conduto de ar entre o tubo e sua boca. No mesmo instante a mulher se contorceu e levou as duas mãos à garganta. Começou a girar sobre si mesma, descaindo para o fundo da gruta e soltando borbulhas para todos os lados.

A outra parou imediatamente de recarregar o fuzil-arpão e partiu em auxílio da companheira.

Aproveitando esse meio-tempo, Brigitte tomou a nadar para junto do colega de espionagem, que se agitava debilmente. Seus óculos se haviam deslocado, sendo óbvio que ele não conseguia ver coisa alguma, buscando desesperadamente o bocal do conduto de ar. Brigitte chegou ao seu lado quando ele começava a fraquejar e conseguiu introduzir o bocal entre seus dentes. Segurou-o por debaixo dos braços e começou a nadar para a superfície, passando por cima das duas mulheres, que partilhavam agora o tubo de ar de uma delas. Não demorou para distinguir a quilha do barco de Archie e aumentou o esforço, ajudando Johnny, que respirava com dificuldade.

Quando assomaram à superfície. Archie estava debruçado na amurada da lancha, tenso.

— Conseguiram encontrar algo...?

— Ajude-me, depressa! — gritou Brigitte, desesperada, arquejante, depois de cuspir o bocal do tubo de ar. — É preciso subi-lo a bordo imediatamente!

Aturdido, o velho pescador segurou Johnny pelos braços e soltou uma praga ao ver o arpão cravado em sua coxa. Quase ao mesmo tempo, as duas mulheres apareciam na superfície, a uns seis metros do barco...

— Puxa! — gritou Brigitte. — Puxe com força!

O velho deu um vigoroso puxão, com o que ele e Johnny caíram na cobertura, O agente deu um grito de dor porque o

arpão torceu-se, rasgando-lhe a carne. Archie ajoelhou-se e olhou para Brigitte, que se esforçava para subir à lancha. Sé se via agora uma das mulheres. A outra havia desaparecido e, de repente, Brigitte Montfort também desapareceu, afundando depois de soltar um grito agudo. Ao mesmo tempo, Archie viu aparecer a lancha branca por entre as rochas, aproximando-se velozmente.

Sem hesitar, o velho ligou o motor e partiu a toda a velocidade, enquanto Johnny se arrastava, lívido como um morto, aproximando-se de suas roupas. Sacou da pistola e apontou para as costas do velho.

— Volte! — ordenou, secamente. — Temos de salvá-la!

Archie virou a cabeça, olhando-o fixamente, mas logo desviou o olhar para a lancha branca que se aproximava com rapidez. Johnny arrastou-se para a amurada e viu a lancha, cujos tripulantes pareciam ter a intenção de abalroar para abrir ao meio o velho barco de Archie. Parecia um torpedo. Começou a atirar como um desesperado, soltando um grito de alegria ao ver o homem que estava ao volante erguer os braços e cair para trás. No mesmo instante a lancha se desgovernou, guinou e, descrevendo um círculo, rumou diretamente para as rochas costeiras. Outro homem se pôs ao volante, desviando o rumo e desacelerando a marcha. Passou roçando as rochas, sem chocar-se com elas, até ser bruscamente freada por uma que sobressaía da água alguns centímetros apenas.

— Volte! — insistiu Johnny. — Esses nada mais podem fazer! Temos de salvar Leona!

Naquele momento, viu-se uma língua de fogo na lancha encalhada e uma granada estourou a menos de cinco metros do barco de Archie, inundando-o, enquanto o velho

aumentava a velocidade. A tempo, porque o segundo disparo quase os atingiu na popa. O terceiro já ficou muito para trás, evidenciando o alcance limitado do fuzil especial.

Só então Archie reduziu a marcha e acabou por parar a lancha. Acocorou-se junto a Johnny, olhando-o de um modo estranho.

— Quer voltar? — rosnou. — Eles não nos podem perseguir, mas se voltarmos nos despedirão com esse... com esse canhão ou seja lá o que for. Vamos salvar a jovem?

Johnny olhou para trás. Archie tinha razão. Voltar e enfrentar aquele fuzil lança-granadas seria um estúpido suicídio, sem qualquer proveito.

— Não — disse, sombriamente — Não voltaremos.

O velho pescador deu um profundo suspiro.

— Talvez eu tenha escapado antes da hora, porém... ela foi apanhada por baixo d'água e afundou. Vi a lancha... Quer que o leve para onde está o seu amigo Nicholas, ou para outro lugar?

— Nicholas morreria de medo se me visse neste estado. Tem alguma bebida?

— Tenho rum a bordo, De fato, lhe faria bem. Pouco depois Johnny desenroscava a barbeia do arpão, conseguindo arrancá-lo da coxa. Pareceu prestes a desmaiar, novamente lívido como um cadáver, mas resistiu ajudado pelo rum. Com o auxílio de Archie, pensou razoavelmente o ferimento. Archie também o ajudou magistralmente a esvaziar a garrafa de rum.

— Sente-se melhor? — preocupou-se o velho. — Quer que o leve para algum lugar ou avise alguém? Acho que o melhor seria avisar a Polícia. E você?

— Não. A Polícia não, Archie.

— Bom — o velho pareceu tranquilizar-se — a verdade é que eu não gostaria de lidar novamente com os “tiras”. Não pense que eu tenha cometido algum crime grave, mas... Bom, se não recorremos à Polícia, a quem então?

— Deixe isso por minha conta.

— Se acha que pode agir sozinho... Lamento muito o que houve com ela. Era generosa e simpática. Escute: se quiser, poderei desembarcar em qualquer lugar e você irá à Polícia. Pode dizer que eu lhe aluguei a lancha, mas sem me envolver... Não interprete mal minhas palavras: eu quero apenas ajudá-lo.

— Eu já disse que não apelarei para a Polícia! Mas se eu ficar em terra e você disser que alugou...

— Esqueça a Polícia de uma vez por todas! Esqueça-a completamente, Archie. Não pretendo recorrer a ela por coisa alguma deste mundo.

— Então, com todos os diabos, diga o que devemos fazer!

— Buscaremos um lugar seguro para esconder-nos até que caia a tarde. Então, eu desembarcarei num lugar conveniente e você irá para outro lado. Se quiser um bom conselho, não apenas esqueça o que viu, mas permaneça escondido alguns dias. É um conselho de amigo, Archie.

— Acha que eles... me reconheceram e...?

— Naturalmente, Não se esqueça de que um deles esteve ontem à noite no seu barco. Já devem ter compreendido que você nos levou aquela praia e que, graças a isso, pudemos segui-los e localizar a gruta. Tenha muito cuidado, Archie.

— Boas perspectivas... — comentou o velho, entre dentes.

Johnny ficou olhando a peruca loura que a sua colega usara até o momento de se atirar na água. Também estavam ali as lentes de contato verdes. Leona Wilkins... Qual teria sido o verdadeiro nome daquela pobre jovem? Isso já não importava. O importante era esperar a noite, para que pudesse ir ao seu bangalô, pedir ajuda pelo transmissor e fazer uma visita definitiva a Rutherford. Dessa vez não ida acompanhado apenas de uma jovem... Não só estava na pista certa, como pretendia ajustar contas pessoalmente com Rutherford. Teria de cobrar caro os assassinatos de Albert Connors, Sam Hagerty e Leona Wilkins...

— Vamos embora daqui, Archie — disse, com voz rouca.

CAPÍTULO OITAVO

Em último caso, recorrer à tortura.

Bonequinha de aço

Uma sensação cor-de-rosa...

— Sinceramente, estamos maravilhados com a sua habilidade, *miss*. É óbvio que, embora tenha os cabelos negros, é a loura que esteve com Pedraza. Também já demonstrou, por duas vezes, ser altamente perigosa. Acontece que Anne e Florrie são muito mais... Naturalmente, pertence à CIA. Mas diga: quem é você? Como se chama?

Brigitte ouviu tudo isso como se estivesse sendo dito de muito longe. A voz era amável, porém de uma tonalidade desagradável. Via apenas uma mancha branca, muito difusa. Em poucos segundos conseguiu identificá-la: um teto. Ergueu-se, ainda com a visão turva, sentindo náuseas. Seu corpo estremeceu violentamente, os olhos giraram e ela caiu

de costas. Tremia de frio, tinha a testa gelada. As náuseas não cediam e ela percebeu que a língua parecia encher toda a boca, com um sabor desagradável.

— Não se preocupe com as náuseas. São próprias do estado de quase afogamento. Felizmente para você, Florrie e Anne tinham ordens de apenas feri-los, trazendo-os vivos... A menos que tivessem uma possibilidade de escapar. Ora vamos, jovem! A coisa não é assim tão grave... Ajudem-na.

Brigitte sentiu-se erguida pelos braços e as náuseas voltaram com uma intensidade atroz. Foi posta de pé, sempre sustentada pelos braços. Tudo girava ao seu redor. O estômago, vazio, contraía-se espantosamente, parecendo prestes a virar pelo avesso.

— Será melhor que tome um banho quente — disse a mesma voz masculina. — Cuidem bem dela, porque tornaremos a conversar dentro de uma hora.

Brigitte ouviu passos se afastando. Eram passos de vários homens. Foi arrastada, enquanto tudo ao seu redor girava sem parar. Ouviu o rumor da água e, finalmente, sentiu por todo o corpo um calor agradável. Foi um grande alívio, uma lassidão maravilhosa.

— Acho que um de nossos biquínis lhe ficaria muito grande — disse uma mulher. — Nossos vestidos também. Vá secar sua calça e seu sutiã com o secador de cabelos.

Como não fora ao hotel buscar o maiô, tivera de mergulhar apenas de sutiã e calça... Por fim, sua visão melhorou. Estava nua, metida numa banheira de água quente. Ergueu a cabeça, virando-a para um lado. Viu uma mulher. Era uma daquelas mulheres altíssimas e atléticas, de biquíni. Suas proporções eram assombrosas, não só em

tamanho como também em beleza. Cabelos louros, olhos claros, rosto belíssimo porém frio, com expressão de desprezo.

— Vejo que já está melhor — disse secamente a enorme loura. — Eu sou Florrie. Como se chama?

* * *

— Vamos, não seja teimosa — disse o homem gordo e calvo. — Que importância pode ter o seu nome, sabendo já, como sabemos, que trabalha para a CIA.

— Podem chamar-me Leona Wilkins — murmurou Brigitte.

Estava novamente no quarto, agora sentada numa cadeirinha graciosa, de frente para a janela, para o maravilhoso sol jamaicano. Mas havia de permeio o homem chamado Rutherford. Ao lado dele, mais três homens, um dos quais era negro. E, ladeando-a, atentas, as duas louras atléticas que se chamavam Anne e Florrie.

— Leona Wilkins... De acordo; aceito o nome. Suponho que está na Jamaica por causa das esmeraldas, hem?

— De fato.

— Ótimo! Vejo que já nos vamos entendendo. Que sabe de todo o assunto?

— Que você está em maus lençóis.

— Sé isso?

Brigitte olhou para ele com uma tranqüilidade surpreendente.

— Que mais poderia ou teria de saber?

— Espertinha, hem? — riu-se o gorducho. — Muito espertinha! Mas não sou eu quem tem de responder a perguntas... Seja sensata, *miss* Wilkins.

— Que deseja saber, ao certo?

— Segundo entendo, você nada sabe sobre os meios de que nos valem para enviar esmeraldas à República Dominicana. Isso me tranqüiliza, porém compreenda que você e seu amiguinho chegaram perigosamente perto da verdade. Isso exige uma solução de minha parte. Você já não me preocupa, mas... quem é o seu amiguinho? Onde está? Refiro-me ao sujeito louro que também andou entendendo-se com Hagerty e que não conseguimos localizar nas duas últimas semanas. Como se chama e onde podemos encontrá-lo?

Brigitte olhou para os homens e depois para os revólveres que lhe apontavam Florrie e Anne. Por ultimo, tornou a olhar para Rutherford e sorriu levemente, apertando os lábios.

— Sua atitude é totalmente irrazoável — disse Rutherford. — Seja inteligente. Como se chama o seu amiguinho e onde poderemos encontrá-lo imediatamente?

Brigitte não desviou os olhos azuis dos olhos duríssimos, quase transparentes, de Wilson Rutherford. E seus lábios, alongados num leve sorriso, continuaram fechados.

— *Miss Wilkins* — Rutherford armou-se de paciência: — posso submetê-la a muitas coisas. Não só pessoalmente, como também a entregando aos meus homens, os quais conseguirão com facilidade o que Pedraza não conseguiu naquele quarto imundo. Seria muito desagradável, não acha? Para você, não para nós... É muito bonita e nos deixa malmente deslumbrados. Seríamos imbecis se não desfrutássemos de sua beleza... Está entendendo? Bem, isso talvez não lhe fosse de todo desagradável... Mas nós podemos recorrer à tortura. Podemos cortar-lhe as mãos; arrancar-lhe os olhos; queimar todo o seu corpo com ferro

em brasa, aos poucos. São métodos antigos, não há dúvida, porém continuam dando ótimos resultados. E, contrariamente ao que sucedeu quando apanhamos os seus amigos da CIA, nós agora não temos a menor pressa.

— Engana-se — disse Brigitte, com uma firmeza que surpreendeu a todos. — Têm muita pressa de encontrar o meu companheiro, *mister* Rutherford. Caso contrário, será ele quem os encontrará... E desta vez não virá sozinho com uma mulher.

Wilson Rutherford enrubesceu violentamente ante essa verdade que, por força, ele já devia conhecer. Afastou-se alguns passos, fazendo um sinal para as duas mulheres. Brigitte percebeu e quis levantar-se, recebendo tremendo golpe que a derrubou de joelhos, com a dolorosa sensação de que tenazes enormes apertavam seu ombro. Logo a seguir levou um pontapé nos rins que a fez cair de bruços. Ficou estendida, sem fôlego, sentindo na nunca a forte pressão de um pé descalço.

— Anne e Florrie são peritas nessas coisas, *miss* Wilkins. Podem destroçá-la em menos de quinze segundos... Onde está o seu companheiro? Retire o pé, Florrie, para que ela possa falar.

O pé foi retirado e Brigitte ergueu-se lentamente até ficar de joelhos. Os homens se haviam afastado, olhando para ela com expressão de crueldade, deixando-a à disposição das mulheres atléticas, as quais aguardavam a seu lado. Ao fundo, a porta do quarto estava aberta e Brigitte teve vontade de fugir...

Lançou-se contra a mulher que estava mais próxima, atingindo-a em cheio no ventre com brutal cabeçada que a derrubou estrondosamente. A ação foi tão rápida e

inesperada, que ela ainda teve tempo de voltar-se contra a outra mulher gigantesca.

— Não a matem! — gritou Rutherford.

Portanto, Florrie quis servir-se do revólver semente para golpear a jovem na cabeça. A agilidade de Brigitte foi-lhe uma surpresa estonteante e desagradável. Segurou com as duas mãos a mão armada de Florrie e passou por cima da cabeça, ao mesmo tempo em que se inclinava. A mulher saiu voando espetacularmente até o leito, chocou-se contra ele e caiu de bruços.

A essa altura, Brigitte já estava correndo para a porta do quarto. Porém o ruivo Morton se interpôs no seu caminho, sorrindo sarcasticamente, com os punhos em guarda como um pugilista. Tinha-os suficientemente grandes para esfacelar o queixo de Brigitte com um golpe certo. Lançando-se a toda, ela não teve tempo de parar, recebendo um golpe de direita no ventre. Mas quando todos esperavam que se dobrasse ao meio, ela afastou de um golpe o braço de Morton, e, com a outra mão, desferiu certa cutilada de caratê na garganta do homem. Golpe tão tremendo que Morton foi lançado ao chão, sentado, sem poder respirar. Salters e o negro Jolion já haviam avançado contra ela, conseguindo sujeitar seus braços e impedir-lhe a fuga. Sentado no chão, Morton tossia, sufocado.

Porém Florrie e Anne já se haviam recuperado e surgiram diante de Brigitte. Florrie tornou a golpeá-la no estômago com o revólver e, desta vez, a espiã deixou escapar um gemido, encolhendo-se. Atine golpeou-a na cabeça e, por alguns segundos, tudo girou ao redor dela...

— Vocês vão matá-la! — censurou Rutherford.

— Com as mãos!

O tapa de Florrie no seio de Brigitte ecoou no quarto e em todo o seu corpo. Ela abriu a boca, angustiada, empalidecendo. Duas bofetadas brutais dadas pela gigantesca Anne, uma de cada lado do rosto, fizeram sua cabeça saltar de um para outro lado. Sentiu que os dois homens a soltavam. Recebeu outro golpe no ombro e tornou a cair de joelhos. O soalho parecia um disco girando com ela no centro. Florrie deu-lhe um pontapé nas costelas, derrubando-a. logo a seguir, um pontapé de Anne no ventre.

Ficou encolhida no chão, com os ouvidos zumbindo e náuseas, um frio intenso e dores por todo o corpo. levantaram-na por baixo dos braços e tornou a ouvir a voz de Rutherford:

— Onde está o seu amigo?

— Não...

Estava movendo a cabeça negativamente e Rutherford ajudou-a a fazê-lo com duas bofetadas.

— Onde está?

Repetiu a negativa, vendo tudo oscilar. Novas bofetadas.

— Diga: onde está?

— Ela é duríssima! — disse uma voz.

Recebeu um golpe indescritível no ventre e não ouviu mais nada.

* * *

— Você é assombrosa, Leona Wilkins. Jamais conheci mulher alguma com tanta resistência, tão incrivelmente forte. Exceto Anne e Florrie, claro. Porém vê-se que são fortes, enquanto que você parece uma bonequinha. Digamos que é uma bonequinha de aço... Porém também o aço é sensível ao fogo, não está de acordo?

O ponto que brilhava diante de seus olhos foi assumindo materialidade, tornando-se avermelhado e maior. Via, atrás dessa mancha colorida, o rosto de Florrie... Era um punhal aquecido ao rubro, empunhado por Florrie, que o segurava com uma luva apropriada.

— Onde está o seu amigo?

Brigitte não respondeu. Estava hipnotizada por aquele punhal incandescente.

— *Miss Wilkins* — a voz de Rutherford soou tensa, aguda, firme: — não me faça perder a paciência! Onde está o seu amigo?! Tem de dizer, pois, do contrário, irá lamentar amargamente. Onde está ele?!

Brigitte Montfort moveu negativamente a cabeça, notando algo no tórax, do lado direito. Algo mais espantoso do que tudo até então por ela experimentado. Ouviu um chiado, sentiu um cheiro intenso e deu um grito, crispando-se tão fortemente que quase escapou das mãos que a sujeitavam. Tornou a perder os sentidos.

* * *

— Está voltando a si.

— Dê-lhe de beber algo bem forte. Já perdemos muito tempo indo buscar isso em Kingston — era a voz de Rutherford. — Estava muito contrariado, Morton?

— Não estava em casa e tive de apanhar eu mesmo. Encontrava-se onde o rádio...

— Bem, já está aqui e é o que importa. A partir de agora, eu também o terei em casa. Levantem-na. Façam-na passear para que se recupere direito. Já perdemos um tempo precioso!

Brigitte percebeu que a levantavam. Sentia dores *por* todo o corpo, porém a mais forte era a do tórax. Fizeram-na

caminhar até a janela do quarto, que estava aberta. Não sabia sequer quem a segurava. Viu uma belíssima piscina com guarda-sóis coloridos. Mais adiante e, uma quadra de tênis. Ainda mais longe, muitas palmeiras e o mar, azul, maravilhoso. A areia brilhava ao sol, dourada. Parecia pó de ouro! Ouvia o gorjeio de aves e sorriu involuntariamente. Sentiu a pálpebra do olho direito inchada e uma dor muito forte na boca. Percebeu que devia ter o lábio inferior fendido.

— Está sorrindo! — ouviu a voz de Florrie, em tom incrédulo.

— Traga essa mulher imediatamente para a cama! Sua coragem de nada lhe servirá!

Afastaram-na da janela. Entristeceu. Coragem? A quem se referiam? A ela? Seria necessário ter coragem para sorrir vendo o mar e as flores? Ouvindo os pássaro?

Tornou a ver o teto: estava deitada.

— Não queríamos empregar isto, *miss Wilkins*, porque nos pareceu possível convencê-la de outro modo. Porém mostrou-se demasiado resistente. Agora dirá tudo...

Seguraram-na fortemente. Sentiu uma agulhada no braço. Indolor. Começou a sentir-se melhor. Muito melhor do que poderia esperar.

— O pentotal não tardará a fazer efeito — disse Rutherford.

Pentotal? Ah, sim: o chamado “soro da verdade”.

— Está escutando, *miss Wilkins*?

— Estou.

— Ótimo. Chama-se, realmente, Leona Wilkins?

— Não.

— Como se chama?

- Brigitte Montfort.
- Deveras? É francesa?
- Não: americana. Naturalizada.
- Trabalha para a CIA?
- Trabalho.
- E... veio à Jamaica por causa das esmeraldas que chegam à República Dominicana?
- Exato.
- Esteve trabalhando até agora com um homem alto, louro, magro, forte, de olhos claros. Qual o seu nome?
- Johnny Kononen.
- Onde podemos encontrá-los?
- Em... Não sei. Não sei o nome do lugar. Sei ir até lá.
- Como é esse lugar?
- Um bangalô, perto do mar.
- Mas onde fica?
- Não sei... Não tem endereço... Não sei...
- Então, como poderia localizá-lo?
- Fica duas milhas a leste de Kingston, à beira mar. Tem portas e janelas brancas. É muito bonito. Tem flores até por dentro. É numa das jardineiras que Johnny esconde as chaves do seu carro.
- E o seu amigo Kononen mora nesse bangalô?
- Mora. É um felizardo.
- Sabe se ele tem armas ou se mais alguém mora com ele? Tem um transmissor?
- Tem.
- Em que parte da casa?
- No quarto. Sob um tapete. Por baixo das tábuas do soalho. É um transmissor potente.
- Poderia comunicar-se com Washington?

— Não.

— Com a República Dominicana?

— Claro.

— E, naturalmente, o seu amigo Johnny Kononen está sempre em contato com o agente da CIA naquele país, não?

— Sim.

— Ambos cuidam do caso das esmeraldas? Isso mesmo.

— Que sabe você do assunto? O seu amigo sabe alguma coisa?

— Sabemos que Rutherford é quem as envia.

— Rutherford?

— Sim, Rutherford.

— E como consegue fazê-lo?

— Não sabemos.

— Então, vocês não sabem nada de nada.

— Oh, sim: sabemos que Rutherford...

Wilson Rutherford já não lhe fazia caso. Virou-se para Morton, Jolion e Salters.

— Partam imediatamente em busca desse Kononen. Será fácil localizar o bangalô.

— Devemos trazê-lo?

— Para que? Está claro que nenhum dos dois tem a menor idéia da verdade.

— Talvez ainda não tenha feito todas as perguntas necessárias...

— Não necessitamos saber mais — disse Rutherford, rechaçando a sugestão de Morton — Se soubessem de algo, a jovem teria dito. Matem Kononen e destruam o transmissor. É tudo.

— E ela?

— Ela... Também a mataremos. Porém Pedraza tinha razão: é demasiado bela para... ser desperdiçada. Após tantos maltratos, bem merece um pouco de carinho... — riu-se o gorducho. — Tratem de partir. Vocês também, Florrie e Anne. Quero ficar a sós com ela.

* * *

Wilson Rutherford acabou de vestir o quimono fresquíssimo e virou-se para a cama. Ela estava olhando para ele fixamente, sem expressão, com o olho esquerdo completamente fechado, tumefacto. A despeito disso, continuava bela.

Rutherford aproximou-se, sorrindo. Sentou-se na beira da cama e beijou-lhe os lábios, suavemente.

— Como vê, nem tudo é tão ruim ao meu lado — disse, irônico. — Não está de acordo?

Ela nem sequer pestanejou.

— Bem... Sou forçado a admitir que a sua companhia me foi agradabilíssima, Brigitte. Mas nem tudo na vida pode estar sujeito aos prazeres. Esta noite terei convidados e devo cuidar de certos detalhes... Não se preocupe, porque não pretendo matá-la... no momento. Oh, enquanto você se portar bem, continuará viva. Não é tão mau assim, não acha? A morte seria pior... Agora, querida, porte-se como uma boa menina. Darei ordens para que tratem bem de você, para que fique mais bonita. Acredita que lamento sinceramente os estragos produzidos pelo espancamento?

Sorrindo, tomou a beijá-la e se levantou. Saiu do quarto, deixando a espiã mergulhada em pensamentos sombrios. Tinha uma vaga idéia do que se passara. Uma idéia horrível. Sentia-se flutuando. Tudo lhe parecia impreciso. Devia ter

sido um pesadelo. Sem dúvida... Tudo estava bem, O sol entrava pela janela...

Virou a cabeça ao ouvir novamente o ranger da porta e viu Florrie entrar, trazendo uma bandeja com gazes e vidrinhos. A mulher altíssima observou-a detidamente, convencendo-se de que se tornara inofensiva. Em silêncio, tratou de seus ferimentos, desinfetando-os com cuidado. Muda assim Brigitte teve de fazer um grande esforço para não gritar, principalmente quando pensou no lugar que ainda ardia como se continuasse a ser queimado. Poucos minutos depois de Florrie terminar, Anne entrou, também de biquíni. Devia ser a roupa permanente das duas mulheres atléticas. Está claro que ambas usavam um revólver entre os seios... Anne trazia uma bandeja maior, com comida. Deixou-a sobre uma mesinha e sentou-se na cama. Florrie fez o mesmo. Ajudaram-na a vestir a calça e o sutiã. Depois, puseram a bandeja diante dela. Cheirava bem.

— Coma — ordenou Florrie. — *Mister* Rutherford deseja que você fique forte e bela. Primeiro, maus tratos; depois, tratamento de princesa...

Brigitte não lhes deu a menor atenção. Comeu pouco, porque o estômago não resistiu. Mas sabia, que devia comer. Tudo surgia agora em seu cérebro com uma clareza estarrecedora. Lembrava-se de tudo. Afastou a bandeja e deitou-se.

— Delatei o meu companheiro? — indagou, com a voz trêmula.

— Naturalmente.

— Era pentotal?

As mulheres não responderam. Fechou os olhos. Sentia-se muito fraca, com uma vontade quase irresistível de

chorar. Alguém se sentou ao seu lado, segurando-a pelo braço.

— Isto não é pentotal — ouviu a voz de Florrie. — Dormirá tranqüilamente durante dez a doze horas.

Sentiu a picada da agulha e um calor estranho no braço. Quase ao mesmo tempo, tomou a sentir-se flutuando. Estranho: era uma sensação cor-de-rosa!

CAPÍTULO NONO

*Antes da rendição do guarda
Calcinha, sutiã... e revólver
Surgem cadáveres por todos os lados*

Quando tornou a abrir os olhos viu um retângulo de luz, no qual se destacava a figura de uma mulher atlética. Devia ser Anne, ou Florrie.

Ao mesmo tempo em que via a fumaça de um cigarro, ouvia música, vozes e risos. Muita gente falando e rindo, porém ao longe. Também ouvia ruído de água. Devia ser uma festa. Mas que festa? Ah, sim: a festa que Rutherford pretendia dar naquela noite.

Suas idéias se foram aclarando lentamente, em quanto ela via a mulher emoldurada na janela vilar-se de cosias, olhando para baixo. A festa devia -estar acontecendo nos jardins, junto à piscina.

Agora, aquela mulher terrível não estava de biquíni, mas usava um vestido de *soirée*, que lhe deixava as costas inteiramente nuas. Os olhos da espiã se foram acostumando aos poucos à escuridão.

Uma festa e somente uma mulher vigiando-a. A atlética figura colocou-se num momento contra a luz para olhar o

relógio de pulso. Esperava algo. Devia ser a rendição da guarda..

Brigitte moveu lenta e cautelosamente as mãos e os pés. Não estava amarrada. Quantas horas estivera dormindo? Indubitavelmente, seus carcereiros imaginavam que ela dormiria mais tempo, mas, a despeito disso, a mulher que a vigiava devia ter uma arma. Seria impossível aproximar-se da louca enorme, mesmo enquanto estivesse de costas: ela ouviria com tempo suficiente para virar-se e disparar, matando-a. Sabia perfeitamente que, por motivos óbvios, não gozava das simpatias de Anne e Florrie.

Suspirou e mexeu-se na cama. A mulher virou-se instantaneamente, empunhando o revólver. A porta devia estar trancada e a luz estava apagada, certamente para não despertar a curiosidade dos convidados. Quem seriam eles? Rutherford podia ter seus compromissos sociais, mas sem dúvida interessava-se muito mais pelas atividades de espionagem. Que podiam ganhar os ingleses no assunto da República Dominicana? Estaria a Inglaterra interessada na vitória do general Marcos Diosdado López? Não parecia provável. Além disso, era evidente que Rutherford não pertencia ao Serviço Secreto Britânico. Para quem trabalhava?

A mulher aproximou-se cautelosamente, apontando o revólver. Parou a pouca distância de Brigitte e esta tornou a suspirar, de olhos semicerrados. Murmurou algumas palavras propositadamente ininteligíveis, agitada, como quem se debate num pesadelo. A mulher aproximou-se mais, inclinando-se sobre ela.

Ao mesmo tempo em que reconhecia Anne, Brigitte adiantou as mãos com uma velocidade imprevisível. Com a

esquerda, sujeitou a direita de Anne, afastando-a. Ouviu o estalido abafado do disparo com silenciador e percebeu que a bala penetrara no colchão roçando uma de suas pernas. Cravou o indicador e o médio da mão direita nos cantos internos dos olhos da loura, em terrível, doloroso golpe de *jiu-jitsu*. Anne endireitou-se de um salto, dando um grito que fez o quarto vibrar. Largou a arma e levou as mãos aos olhos. Brigitte deixou-se cair ente suas pernas, agarrou-as pelos tornozelos e puxou. A loura tombou de costas, ainda gritando, com as mãos nos olhos quase desprendidos das órbitas. Ajoelhando-se rápida, Brigitte aplicou-lhe um golpe tremendo no ventre, que pôs termo à sua gritaria. Talvez movida pela dor, Anna desferiu uma bofetada que afastou Brigitte, levantou-se e gritou a pleno pulmões:

— Florrie! Florrie!

Como uma gata. Brigitte caiu sobre suas costas num salto selvagem. Aplicou simultaneamente uma chave de rins e um estrangulamento por trás, magistralmente completado por um *arm-lock* de direita. Anne caiu de joelhos, emitindo um estranho som gutural.

Brigitte apertou mais. Muito mais. As duas mãos de Anne, ensangüentadas pelo contato com os olhos feridos, crisparam-se nos cabelos da espiã. Brigitte aplicou à perfeição o princípio básico de aproveitar o esforço do próprio adversário: lançou-se por cima da cabeça de Anne, sem soltá-la. A loura girou no ar e se estrelou no chão, com um gemido rouco. Mas era realmente dotada de uma resistência excepcional: conseguiu levantar-se, sem soltar a presa, a qual, por sua vez, continuava encarrapitada em suas costas. Andou aos tropeções e, de repente, lançou-se de costas contra a parede, esmagando Brigitte, que soltou um

grito e... apertou ainda com mais força. Anne lançou-se novamente contra a parede e a espiã sofreu novo impacto fortíssimo. Apertou ainda mais. As mãos de Anne crisparam-se em suas pernas, porém ela era exímia em chaves de rins e a loura nada conseguiu. Lançou-se uma vez mais contra a parede e caiu, no intento, já sem forças.

Ficaram grudadas, uma na outra, no chão, e Brigitte continuou apertando. De repente, Anne ficou imóvel. A espiã, interrompendo o estrangulamento, segurou Anne pela nuca e pelo queixo, aplicando uma torção. Ouviu-se um estalido que significou o fim para a gigantesca mulher.

Brigitte levantou-se, porém começou a sentir que tudo girava. Cambaleante, lançou-se de bruços na cama. Deslizou para o chão, apanhou o revólver de Anne e se arrastou até a janela. Apoiou as duas mãos no peitoral e ergueu o corpo. Respirou fundo. Lá embaixo, tudo continuava como antes: os gritos de Anne não haviam alterado a algazarra. Ninguém ouvira coisa alguma e ninguém podia vê-la na janela às escuras.

Havia jovens saltando dos trampolins na piscina, outros dançando, gente de mais idade conversava animadamente a toque de uísque.

A altura era pouca para ela, porém receou que a vissem descendo. Aproximou-se da porta e suspirou ao encontrar a chave na fechadura. Abriu e saiu ao corredor, que também estava às escuras. Podia ver bem graças à luz que vinha do andar térreo. Ouviu vozes e risos masculinos. Seguramente os convidados eram boas pessoas que desconheciam as atividades escusas de Rutherford. Seria sensacional surgir de repente empunhando um revólver, com o rosto inchado, de calcinha e sutiã... Brigitte sorriu a essa idéia.

Empurrou a porta de um dos quartos do fundo do corredor e entrou. Também estava às escuras. Encaminhou-se para o armário, mas, ao passar diante da janela, parou, vendo o iate de Rutherford na enseada, iluminado a meia-noite. Ele devia estar a bordo, talvez entregando as esmeraldas a alguém.

O marinheiro que trabalhava para Johnny asseverara que ninguém as havia recebido durante a viagem. Portanto, embora Pedraza não o tivesse feito, alguém devia ter desembarcado as pedras preciosas, entregando-as a Rutherford.

Esquecendo completamente as roupas que fora buscar naquele quarto, a espiã saltou ao peitoral e deslizou lentamente até ficar pendurada apenas pelas pontas dos dedos. Deixou-se cair, rolando meio de lado como aprendera a fazer em seus treinos de pára-quedismo, levantou-se e correu para as palmeiras.

Um minuto depois, com todas as precauções, chegava à praia. Havia umas cinco lanchas flutuando ao redor do iate. Perto delas, alguns jovens nadavam, tão distraídos que não a viram meter-se na água e nadar para o iate com uma das mãos erguida, empunhando o revólver de Anne. Subiu primeiro à lancha que estava amarrada à escada do portaló e, logo, ao convés do iate.

Parecia não haver ninguém a bordo, porém a porta dos camarotes estava aberta e havia luz no interior. Silenciosamente, pingando água, aproximou-se da porta e ficou alguns segundos à escuta, olhando para todos os lados, especialmente para a praia.

Franziu a testa ao não ouvir o menor ruído a bordo. Não lhe agradava aquele silêncio, mas tinha que arriscar: desceu

lentamente a escada da cabina, com a arma bem empunhada.

Estava na metade da escada quando viu as pernas de um homem estiradas. Devia estar sentado no clássico beliche longitudinal, sob a grande vigia panorâmica. Estaria dormindo? Saltou do meio da escada para o centro da cabina, apontando o revólver.

— Quietos! Não se mex...!

Era Rutherford, porém a ameaça não se fazia necessária. Wilson Rutherford estava com os olhos muito abertos, a cabeça pendendo para um lado. Um filete de sangue já secava no canto de sua boca e no queixo.

Atônita, Brigitte se aproximou. Rutherford tinha uma expressão de horror e fúria. Devia ter recebido no peito as nove balas do pente de uma automática, a julgar pelos furos no elegante *smoking* e na camisa de peito pregueado.

— Johnny? — chamou mansamente a espiã. — Você está a bordo? Sou eu, Leona Wilkins... Responda, Johnny!

Nada. Isso não a surpreendeu, porque tal intervenção não lhe pareceu própria de Johnny Kononen. Na verdade, nem mesmo da CIA... Por que matar com tal brutalidade um homem com tantas coisas para revelar? Não era razoável. Além disso, se tivesse sido Johnny, por certo não estaria sozinho e a pancadaria na festa já teria começado.

— Não compreendo... Simplesmente, não entendo... — comentou Brigitte, para si mesma.

Ainda estava desconcertada quando ouviu o rouco de um motor de lancha. Correu para o outro bordo e olhou por um dos extremos da longa vigia panorâmica. De fato, uma lancha se aproximava, timoneada por uma mulher inconfundível: Florrie. A lancha atracou no iate. Pouco

depois, soaram passos precipitados na cobertura e, logo a seguir, descendo apressadamente a escada...

Florrie correu para junto de Rutherford. Também devia ter visto primeiro as pernas.

— *Mister* Rutherford, fui substituir Anne e encontrei-a.

Estacou diante do cadáver. Meteu a mão no decote do belo vestido de noite, sacou um revólver e virou-se.

Pedaços da flor que adornavam seu vestido lhe entraram no peito, junto com a bala disparada por Brigitte, que se ocultava ao lado da entrada. Florrie girou como se estivesse bailando e caiu sentada no beliche, erguendo a mão armada, com os olhos fixos na espia.

Outra bala entrou em seu peito, um pouco à direita da primeira e mais acima. Com a terceira, em cheio no coração, Florrie, continuando sentada, tornou-se acompanhante de Rutherford no estranho velório de si mesmo.

— Adeus, querida — disse Brigitte, sorrindo de modo sinistro. — Adeus, querido. Estou certa de que não poderei fazer muito mais sozinha. Mas não se impacientem, porque voltarei sem demora...

Saiu da cabina, saltou para a lancha utilizada por Florrie, ligou o motor e se afastou. Não para a praia; mar adentro.

Ainda alimentava a esperança de poder ajudar Johnny. Sentia-se na obrigação moral de fazê-lo, porque o delatara.

* * *

Quando parou a lancha na praia, diante do bangalô de Johnny Kononen, teve a deprimente impressão de que também ali nada mais havia a fazer.

Durante a viagem tivera tempo para ponderar e não estranhou ver o carro de Johnny ladeado pelo de Rutherford.

A casa estava completamente às escuras e as palmeiras pareciam sombras ameaçadoras, recortadas pela lua que, por fim, surgira. Porém não tardaria que nuvens negras escurecessem tudo.

Encalhou a lancha na praia e saltou, dirigindo-se tranqüilamente para a casa. Empunhava o revólver, embora não esperasse qualquer surpresa no bangalô de Kononen.

Quando passou junto ao carro de Rutherford, viu o negro Jolion sentado ao volante. Aproximou-se. Tinha dois furos de bala no pescoço. Morto.

A porta do bangalô estava aberta. Entrou, acendeu a luz e passou, indiferente, por cima dos cadáveres de Morton e Salters, o primeiro com os olhos muito abertos, como se procurassem ver algo no teto, o segundo de bruços, ao ser, lado. Jolia, Morton, Salters... Os três homens de Rutherford, mortos. E também o próprio Rutherford. Não podia ser um “trabalho” da CIA. Os autores do extermínio deviam estar interessadíssimos em silenciar os quatro homens, enquanto que à CIA convinha justamente o contrario.

Entrou no quarto de Johnny Kononen. Lá estava ele, atravessado na cama, de bruços. Brigitte largou a arma e ajeitou o cadáver do companheiro no leito. Viu a mancha encarnada no peito de Johnny e de novo sentiu uma vontade enorme de chorar. Alisou-lhe os cabelos louros e fechou seu olho esquerdo, ainda entreaberto.

— Johnny... — murmurou. — Perdoe-me, Johnny! Eles me injetaram pentotal. Sei que de nada adiantaria, mas gostaria de chorar. Foi inevitável... o pentotal...

Esteve pedindo perdão repetidamente durante vários segundos, sem fazer caso do transmissor do colega, retirado do esconderijo e destruído, aos seus pés.

Beijou docemente Johnny Kononen nos lábios, recolheu sua arma e saiu do bangalô.

CAPÍTULO DÉCIMO

*Não era um tolo como parecia
Conversa com a República Dominicana
A pomba branca voa de helicóptero.*

Keno abriu a porta da casa e ficou olhando boquiaberto para a jovem.

— Deixe-me passar, Keno. Depressa!

O negro gigantesco afastou-se e Brigitte entrou, fechando ela própria a porta. Teve de erguer a cabeça para poder encarar o hercúleo gigante de ébano, que a olhava no auge da estupefação. Talvez jamais tivesse visto uma mulher de sutiã e calça.

— Onde está Archie?

— Foi pescar — disse o negro, com sua voz poderosa.

— Onde?

— No mar.

Brigitte lhe dirigiu um olhar fulminante, franzindo a testa. Conservava uma das mãos às costas, como uma menina tímida injustamente maltratada.

— Está claro que teria de pescar no mar... Onde?

— Não sei.

— Estava sozinho?

— Não sei.

— Keno — sorriu docemente a espiã. — Ainda que soubesse, não diria, não á verdade?

— É.

Brigitte recuou alguns passos para ver melhor o negrão, dirigindo-lhe um sorriso prometedor.

— Keno: ainda gosta de mim?

— Muito, mais do que tudo.

— Ontem, você disse que gostaria de dormir comigo. Já não quer mais?

O negro deu um passo, adiantando os braços com as mãos crispadas.

— Espere! — disse ela, recuando agilmente. — Primeiro, terá de me dizer para onde foi Archie com o seu barco. Norte, sul, leste, oeste?

— Isso eu não sei.

— Não conhece os pontos cardeais? Bem... Foi para cima, para baixo, para a direita, ou para a esquerda da Jamaica?

— Para baixo. Saiu da baía e seguiu sempre para baixo. Agora vamos dormir...

Brigitte deixou que ele se aproximasse, envolvendo-a nos braços enormes. Tinha o triplo do tamanho e do peso da espiã e o abraço foi um suplício para seu corpo todo machucado.

— Keno — suspirou ela, docemente: — você sabe se ele levava as esmeraldas?

O negro se pôs a rir como uma criança e estreitou mais o abraço.

— Sou menos tolo do que você imagina, mulher. E Archie sabe disso. Porém ele não sabia que você estava viva. Disse que foi morta. Vou matá-la depois de...

— Keno! Você está me machucando!

— Eu sei. Ainda vou machucar mais. Achou que conseguiria enganar Keno? Não sou tolo e nunca fui. Ganho muito dinheiro fingindo de tolo. Sei muito bem o que você quer saber e o que já sabe, mas acontece que não sairá daqui com vida. Archie ficará tranqüilo quando chegar, pela manhã, e encontrar o seu cadáver. Como sempre, me dará uma recompensa. Agora, vou estirar você no chão e...

O aperto era tal que Brigitte percebeu não ser capaz de resistir por mais tempo. Estava deixando o negro falar porque lhe convinha, mas, se continuasse entre seus braços, teria todos os ossos fraturados. Afinal, não tinha ouvido o suficiente. Tirou a mão direita das costas e encostou o revólver no costado de Keno.

O negro ficou imóvel, parecendo petrificado; soltou um grunhido.

Outro disparo e os braços que prendiam a espiã afrouxaram. Ela saltou para trás, apontando a arma.

— Como vê, não é tão esperto quanto imaginava, besta descomunal.

Keno havia passado as mãos pelos furos de bala e olhava para ela, atônito. Estavam ensangüentadas. Olhou para Brigitte e um lampejo de ódio cintilou em seus olhos esbugalhados, semelhantes a dois ovos.

— Mulher miserável! Vai morrer...

A frase e seu avanço foram interrompidos por outro disparo. Keno levou agora as mãos ao ventre, mas logo continuou andando na direção da espiã, que recuou ainda

mais, quase assustada. Qualquer homem normal teria caído ao primeiro balaço, mas Keno, com três balas no corpo, continuava andando, estendendo as mãos crispadas, cheias de sangue. Aparentemente, só havia um meio para detê-lo e Brigitte utilizou-o com frieza. Ergueu mais o cano do revólver e apertou o gatilho.

A bala entrou bem no meio da tosta de Keno, que ergueu os braços, deu um grito e caiu de costas. Agora, sim, ficou imóvel, com os olhos virados para cima como se quisessem ver o furo na testa. Seu corpanzil parecia encher toda a sala-cozinha. Brigitte saltou por cima dele com indiferença, olhando para todos os lados.

— Tem de estar nesta casa... — murmurou. — Muito bem escondido. Eu dormi aqui e ele no quarto. Deve ter chamado de lá.

Quando se pensa com lógica, sempre se chega a um resultado certo. Cinco minutos depois, a espiã localizava o transmissor dentro de uma velha arca, sob um monte de roupas esfarrapadas e imundas. fedendo a peixe deteriorado. Foi quando se culpou, mesmo, de tudo o que acontecera. Devia ter desconfiado do fato de ter caído em sono profundo e despenado com a cabeça pesada na noite anterior. Mas Archie fora muito inteligente, empregando dose muito pequena de narcótico, apenas o suficiente para que ela dormisse enquanto ele se utilizava do transmissor.

Ficou durante alguns segundos contemplando o aparelho e, por fim, assentiu com a cabeça. Podia fazê-lo. Daí a mais cinco minutos havia calibrado o transmissão para o comprimento de onda desejado. Era dia 25 de outubro de 1962. Para a CIA, o comprimento de onda, em código, seria 1-2-5-1.

— Atenção, atenção, agente da CIA na República Dominicana: fala agente na Jamaica. Está escutando? Câmbio.

— Prossiga. Jamaica. Ótimo contato. Câmbio.

— Abecedário de frente para trás e de trás para frente. Correto? Câmbio.

— Correto. Continue. Câmbio.

— Se possível, quero falar diretamente com Fred Cooper. Câmbio.

— Fred Cooper falando. Câmbio.

— Por que não está com o grupo do general López? Câmbio.

— O navio sem matrícula partiu para Cuba em busca de mais armas. Nunca faço parte da expedição. Assim, assumo o comando direto das comunicações. Câmbio.

— Sabe se o general López levava as esmeraldas? Câmbio.

— Ignoro. Mas deve ser como das outras vezes, pois zarparam. De qualquer modo, saiba que o general não costuma ir no navio. Ele e seu estado-maior rebelde ficam sempre em terra, vigiando o depósito de anuas. Câmbio.

— Você tem meios de acesso direto a essa gruta onde escondem as armas? Câmbio.

— Tenho. Por que? Câmbio.

— Preste muita atenção. Cooper. Está falando com a agente que atendo pelo nome de Leona Wilkins e foi enviada especialmente para cuidar do “Caso Esmeraldas” na Jamaica. Johnny Kononen foi assassinado, mas está quase resolvida a parte do caso aos nossos cuidados. Agora, temos de precipitar os acontecimentos. Vou dizer-lhe o que

considero conveniente fazer e você me dirá se está de acordo. Em primeiro lugar...

Aproveitando o magnífico transmissor de Archie Waterfield, Brigitte trocou impressões com Fred Cooper, durante dez minutos, sobre a melhor tática a ser empregada. Finalmente, deu por finda a comunicação, desligou o transmissor e se levantou. Saiu do quarto do velho barbudo e regressou em poucos segundos com um martelo, despedaçando o possante aparelho.

Saiu da casa, correu para o velho atracadouro e saltou para a lancha, na qual partiu imediatamente com destino ao bangalô de Johnny Kononen.

Gastou menos de vinte minutos, embora tivesse de alterar o rumo para evitar diversos pesqueiros. Saltou na praia e correu para o bangalô. E daí a mais vinte minutos estava removendo a camuflagem do pequeno helicóptero de Kononen. Fixou bem as asas retrácteis, saltou para a cabina e decolou verticalmente logo para o sul.

Em menos de quinze minutos, estava sobrevoando a escura lancha pesqueira que navegava naquela direção. Graças à luz da lua, que se insinuara por entre as nuvens densas, conseguiu identificar o barco, porém continuou voando rumo ao sul, para uma inspeção aérea das águas. Dez minutos depois, uma guinada de cento e oitenta graus levou-a para terra. Surpreendeu-se ao não ver novamente a lancha e desviou-se rumo a oeste. Conseguiu localizá-la, mas a lancha de Archie Waterfield já não estava só. Havia outra embarcação maior, branca, possante, que naquele momento se afastava dela, seguindo para oeste, enquanto Archie rumava para leste. Era fácil deduzir que as duas embarcações se haviam encontrado naquele ponto com um

determinado propósito e não por acaso. E também era fácil deduzir que a embarcação grande contornaria a Jamaica pelo sul, seguindo depois para Cuba.

Meia hora mais tarde Brigitte tornava a sobrevoar o barco de Archie, quase à altura de Yallahs. Se o velho suspeitou de algo, por certo tranqüilizou-se ao constatar que o helicóptero mudara de rumo, seguindo para terra, direta para Yallahs perdendo altura para aterrissar.

Mas naquele instante Brigitte viu outra embarcação vir ao encontro de Archie, procedente de leste. Outra embarcação grande e veloz, escura. Coisa que serviria de pouco na noite enluarada, pois não seria difícil identificar sua marola cintilante.

Quando as duas lanchas pararam ao lado uma da outra, não havia sinal algum do helicóptero e um dos dois tripulantes da embarcação maior saltou para a de Archie, o qual ainda olhava para o céu, desconfiado.

— Que está acontecendo? — inquietou-se o homem.

— Oh... Nada. Surgiram cenas dificuldades, porém eu as eliminei pessoalmente. Tudo vai bem.

— Trouxe as esmeraldas?

— Claro.

Archie entregou ao homem um embrulho protegido por material plástico impermeável e aquele deu uma risada.

— Chega a ser divertido... Podem continuar procurando por elas na Jamaica ou no “Guajira”.

Archie sorriu maliciosamente, dizendo:

— Tratem de partir, porque têm de alcançar a embarcação dos dominicanos para fazer a entrega.

— Ainda não entendi para que tanta complicação...

— Tem de ser assim — disse Archie, secamente.

— Está bem... Boa pesca.

— Será conveniente. Um pescador não pode voltar de alto mar com a uma vazia, pois dá na vista. Terei que trabalhar muito hoje.

— Insisto em que você está complicando coisas que poderiam ser feitas com toda a facilidade. Enfim... Até daqui a quinze dias.

— Adeus,

Daí a pouco as embarcações se separavam. A de Archie regressava para águas mais próximas de Kingston, enquanto que a outra seguia para leste.

Dez minutos depois, quando a embarcação maior passou diante de Morant Bay, tornou a surgir o helicóptero, aproximando-se diretamente, a toda a velocidade. Emparelhou com ela e desacelerou a marcha, voando por boreste. De nacele brotaram lampejos.

— Está fazendo sinais... — disse um dos tripulantes. — Código Morse...

— Que está dizendo?

— Ordena que rumemos diretamente para a costa, parando na praia, entre Morant Bay e Port Morand. Caso contrário, lamentaremos.

— Lamentaremos? Que vá para o inferno! Para demonstrar seu descanso pela ordem, o homem que estava à roda do leme aumentou a velocidade ao máximo e rumou para alto mar. O helicóptero afastou-se, regressando apenas meio minuto depois e passando sobre a embarcação em vôo rasante. Mais um lampejo na nacele e uma granada de advertência estourou a menos de vinte metros da proa. O segundo disparo estourou ainda mais perto, a bombordo, e o barco pareceu prestes a virar de carona, tanto adernou para

boreste. Não se fez necessário o terceiro disparo, porque a embarcação diminuiu de velocidade, guinou e rumou mansamente para terra. Demorou quinze minutos para chegar ao ponto indicado pelo helicóptero, sempre sobrevoada por ele. Quando parou na praia solitária, o helicóptero pousou na areia, a uns vinte metros.

Uma voz feminina chegou nitidamente aos tripulantes, assim que o motor do helicóptero foi desligado.

— Saiam da lancha com as mãos erguidas e caminhem para cá de costas! Um de vocês deverá trazer as esmeraldas!

A ordem foi dada em perfeito espanhol.

— É uma mulher e está sozinha ... — disse um deles. — Podemos matá-la.

Ainda de bordo do helicóptero e protegida pela nacele de plástico transparente e inquebrável, Brigitte viu os dois homens saltarem do barco, braços erguidos. Um deles trazia um embrulho na mão. Ordenou que parassem e desceu do helicóptero, empunhando o revólver de Anne.

— Não se virem — ordenou. — Deixem cair as esmeraldas e dêem cinco passos para frente, mas não se virem, para não terem que se arrepender.

As esmeraldas caíram na areia e os dois deram os cinco passos. Brigitte aproximou-se lentamente do embrulho, sem perdê-los de vista, Suas pisadas faziam a areia ranger. No se abaixou para recolhê-lo, prevendo que talvez os homens tentassem algum golpe enquanto ela estivesse abaixada.

— Agora! — gritou um deles.

De fato, tinham ouvido o ranger da areia sob os pés de Brigitte e calcularam o momento em que ela estaria inclinada. Viraram-se ligeiro, levando a mão ao coldre axilar.

Três disparos e um ruído de arma descarregada.

Porém com as três últimas balas os homens tiveram o merecido. Um deles recebeu a primeira na testa e caiu de bruços, fulminado; o outro recebeu a segunda no meio do peito, caiu de costas e se reergueu mais por movimentos reflexos do que por esforço consciente, recebendo a derradeira no coração. Saltou com tanta violência que caiu com meio corpo dentro d'água.

Tranqüilamente a espiã recolheu o embrulho, levando-o para o helicóptero. Depois, com grande esforço, meteu os dois cadáveres no barco, ligou o motor, embicou-a para alto mar, ligou o piloto automático e pulou na água, sorrindo. A embarcação navegaria ininterruptamente para o sul até que se esgotasse o combustível... E, quando encontrassem os cadáveres, os patrulheiros teriam um bom quebra-cabeça para resolver.

Regressou ao helicóptero e decolou.

Era de se esperar que Fred Cooper conseguisse desempenhar o seu papel no “Caso Esmeraldas”.

CAPÍTULO DÉCIMO PRIMEIRO

*Pouco tempo a perder com Archie
Inteligência não se adquire
E todos serão “Johnnies”...*

Às oito da manhã, Archie Waterfield regressou à sua casa no velho atracadouro. Sentia-se esgotado. Já era muito idoso para passar a noite pescando. Estava ponderando que um homem com a sua inteligência não tinha por que perder a saúde daquele jeito, quando empurrou a porta e entrou.

Ficou cravado no chão.

— Keno — chamou.

A porta fechou-se às suas costas e ele se virou com a rapidez que lhe permitia a idade e, acima de tudo, o esgotamento.

— *Miss Wilkins!*

— Bom-dia, Archie — cumprimentou-o a jovem, sorrindo de modo sinistro. — Muito cansado?

— Sim eu... Que houve com Keno?

— Morreu. Já está morto há muitas horas.

— Você... o matou?

— De fato.

— M-mas... por quê? Era um pobre coitado, inofensivo. A menos que tenha tentado algo condenável...

— Não tenho muito tempo a perder, Archie — interrompeu-o Brigitte, friamente. — Deixei o helicóptero num lugar onde será recolhido. Dentro em pouco, um outro maior me recolherá aqui, levando-me para Port-au-Prince, de onde seguirei, também por via aérea, para Washington, a fim de prestar contas de minha missão.

— Eu a felicito, mas não devia ter assassinado Keno...

— Também destruí o seu transmissor, Archie.

— C-como?

— Destruí o seu transmissor. É olho por olho, dente por dente, Archie: se você destrói o meu transmissor, eu tenho o direito de destruir o seu; se mata um amigo meu, tenho o direito de matar um seu... Entende?

— Mas... não sei o que está dizendo... Passou a língua pelos lábios, contemplando o revólver empunhado por Brigitte. Por fim, sorriu e moveu os braços num gesto de impotência.

— Talvez entenda melhor em russo — disse a espiã, nesse idioma.

— É inútil prosseguir com a comédia — admitiu ele, também em russo. — Você é muito mais esperta do que aparenta.

— Do que aparento, não: do que você imaginou. Embora eu deva admitir que, no início, cometi alguns enganos.

— Posso fumar meu cachimbo?

— Qual o seu verdadeiro nome?

— Mihail Orkanov.

— Da MVD?

— Naturalmente.

— Pois bem, Mihail Orkanov; não pode fumar o seu cachimbo. Que contém? Cianureto para você, ou algum truque contra mim?

Mihail Orkanov mostrou-se realmente admirado.

— Você é de fato muito esperta. Não compreendo como a verdade lhe passou despercebida desde o início.

— Sou uma pobre menina que julgava entender muito de tudo... Não era assim, porém só se aprende apanhando. Sempre há um começo, Orkanov. O mais inteligente, culto e educado homem do mundo teve de começar aprendendo o

alfabeto e os dez algarismos. O meu começo foi um pouco mais duro do que isso, mas talvez seja melhor assim. Se eu tivesse resolvido este caso com mais facilidade, poderia prejudicar-me no futuro, considerando-me mais esperta do que realmente sou e causando danos ainda maiores.

— Gosto de saber que aprendeu algo comigo.

— Aprendi muito com você e comigo mesma.

— Suponho que me vai matar.

— Eu já disse: olho por olho, dente por dente.

— Um adágio interessante... Não estaria interessada em saber alguma coisa antes de me eliminar?

— Já fiquei sabendo tudo o que me interessa — respondeu friamente Brigitte. — Tive muito tempo para pensar enquanto o esperava. Eu devia ter desconfiado assim que o ruivo Morton veio procurá-lo depois de ordenar a Pedraza que me matasse. Ele sabia que você estava dirigindo o “Caso Esmeraldas”. Porém a história que você nos contou, a mim e ao meu colega, era bastante convincente, Orkanov. Errou de profissão: devia trabalhar no teatro.

— Que mais sabe?

— Não nos pôde matar porque empunhávamos armas o tempo todo. Tudo o que pôde fazer foi narcotizar-me ligeiramente para...

— Também sabe isso? — surpreendeu-se o russo.

— Não me lancei à espionagem às cegas. Sem muita experiência, não há dúvida, mas não às cegas. Sou capaz de passar quarenta e oito horas sem dormir e continuar trabalhando na plenitude de minhas faculdades mentais. Creio que, enquanto ainda dormia sob a ação do narcótico, o meu inconsciente se deu conta de que algo andava errado.

Mas você teve uma saída muito inteligente para o problema, avisando ao pessoal da quinta de Rutherford. Compreendi perfeitamente que não nos podiam ter visto chegar: já nos estavam esperando, por ordem sua, entre as rochas. Seríamos colhidos de surpresa por Florrie e Annie, com o que você ficaria a salvo de quaisquer riscos.

— Perfeito. Porém se esquece de que fugi com o seu companheiro quando as coisas ficaram feias e começaram a disparar.

— Não atiravam para acertar — interrompeu-o Brigitte.
— Você queria aproveitar-se da ocasião para fugir com Johnny apenas ferido, confiando em que ele recorresse a outros agentes da CIA, para que os seus homens caçassem todos de uma vez.

— De fato, houve um momento, na lancha, em que estive a ponto de matar o seu colega, porém pensei nisso que você disse. Procurei saber se ele pretendia recorrer à Polícia; em caso afirmativo, eu não teria outro remédio senão matá-lo. Negou-se terminantemente a apelar para as autoridades policiais e, como já se havia recuperado do ferimento na perna, com uma rapidez surpreendente, percebi que não poderia lutar com ele. Era fortíssimo e eu já estou avançado em idade. Deixei-o partir, sabendo que, já detida pelos meus, você facilitaria a sua captura.

— Eu, não: o pentotal — protestou Brigitte, com os lábios trêmulos de ódio.

— Que diferença faz?

— Para mim, faz muita diferença. Não fui realmente eu quem delatou o companheiro, mas uma droga. Naturalmente, isso me importa... e já pensei num meio de evitar que se repita.

— Deveras? Que meio?

— Eu gostava muito de Johnny, Orkanov. Se continuar na espionagem, jamais desejarei saber o verdadeiro nome dos meus colegas de missão. A todos que venha a conhecer chamarei simplesmente Johnny, em homenagem a Kononen e para que não aconteça o mesmo com eles. Também não desejarei saber onde residem ou se escondem, porque o radinho de bolso garantirá os nossos contatos. Assim, por muito pentotal que me injetem, estarei naturalmente impedida de os delatar.

— É uma boa idéia — murmurou secamente o russo. — Lamentavelmente, não lhe ocorreu antes.

— Isto me servirá de escarmento, Orkanov. Quanto a você, não poderá mesmo ter recordações: nem boas, nem más. Assim sendo, não poderá arrepender-se de ter assassinado sordidamente os seus colaboradores Rutherford, Morton, Jolion e Salters.

— Que mais poderia ter feito? Assustei-me um pouco quando Johnny seguiu o seu rumo. Pensei que sua primeira medida seria valer-se de um transmissor para delatar Rutherford e os demais, e, como eram os únicos sabedores da verdade a meu respeito, liquidei-os. Marquei um encontro com Rutherford no iate. O miserável me disse que você tinha sido morta. Já imagino para o que ele a reservava na quinta. Foi pelo mesmo motivo que arranjou Anne e Florrie. Ele me disse que você fora morta e que Jolion, Morton e Salters estavam esperando por Johnny em seu bangalô. Matei Rutherford e segui a toda na lancha para o bangalô. Johnny devia ter chegado um pouco antes. Os três mataram-no e, depois de inutilizar o transmissor prepararam-se para sair. Jolion foi buscar o carro que eles

havam deixado escondido. Liquidei-o ao volante. Depois, entrei no bangalô e eliminei os outros três.

— Tudo traiçoeiramente.

— Se continuar na espionagem, *miss* Wilkins, acabará descobrindo a vantagem de se agir traiçoeiramente.

— A ponto de matar os próprios companheiros?

— Não eram russos — disse orgulhosamente Mihail Orkanov. — Nem sequer espões profissionais. Simples mercenários que, por bom dinheiro, prestaram-se a fingir de contrabandistas de esmeraldas.

— As quais nunca viajaram no “Quajira” e nunca vieram da Colômbia. Sempre estiveram em Cuba. Os cubanos traziam-na numa embarcação, você as recolhia em alto mar numa de suas ‘pescarias’, entregando-as aos dominicanos, que o abordavam em outro ponto, também em alto mar. Estes entregavam-nas ao general Marcos Diosdado López, para que com elas “comprasse” armamentos em Cuba. Mera farsa para esconder a intervenção direta. A falsa procedência colombiana das esmeraldas criava a impressão de haver apoio ideológico de puro espírito latino-americano para a revolução dominicana de López, mantendo elevado o moral das tropas desse infeliz, quando, na realidade, estava sendo montada uma revolução sangrenta financiada por portas travessas pela Rússia. Com isso, surgiria mais um satélite soviético no Caribe.

— Sua linha de raciocínio é tão lógica, que não entendo como não desconfiou imediatamente de mim — comentou Mihail Orkanov, sinceramente admirado. — Você é muito inteligente e, se não morrer logo de início, irá longe em espionagem.

— Isso, partindo de um veterano, é assaz lisonjeiro.

— Muito inteligente, mas inexperiente.

— Inteligência não se adquire é inerente e ajuda a adquirir experiência.

— Posso felicitá-la pela fluência com que fala o russo?

— Muito obrigada. Agora, terminemos o assunto.

— Oh, não! — riu-se ironicamente Orkanov. — A minha morte não terminará o assunto. O general López receberá a última remessa de esmeraldas e “comprará” a última partida de armas e munições lançando-se furiosamente à revolução.

— Lamento decepcioná-lo, caro colega de espionagem — agora foi ela quem riu, cruelmente. — Saiba que dentro de poucos dias um dos assassinos especiais da CIA se encarregará de Marcos Diosdado López. Mais ainda, esta mesma noite alguns companheiros meus, designados para a República Dominicana, devem estar fazendo voar pelos ares as grutas onde está todo o armamento. Além disso, Diosdado López nem sequer receberá a última remessa de esmeraldas — apontou para uma cadeira.

Mihail Orkanov olhou e empalideceu visivelmente ao deparar com o embrulho de esmeraldas. Empalideceu ainda mais ao compreender o verdadeiro alcance das palavras da espiã: fora ela e não ele o vencedor.

— Está muito pálido, *tovaritch* Mihail Orkanov. Decepcionado? Que está sentindo, verdadeiramente?

— Talvez algum dia também sinta o amargor do fracasso — disse ele com voz rouca. — Não se rirá, então.

— Mas acontece que, no momento, posso rir a valer. Ou será que ainda dúvida de que eu esteja de posse das esmeraldas? Quer ver para crer?

Deixou o revólver sobre a mesa, aproximou-se da cadeira, apanhou o embrulho e sorriu, ao virar-se, vendo que Mihail Orkanov estava empunhando a arma. Abriu o embrulho e afundou as mãos no monte de pedras preciosas, as quais lançaram cintilações verdes para todos os lados. Sopesou algumas delas, as maiores, na palma da mão, notando que Orkanov a contemplava astutamente, apontando o revólver. Por fim, o veterano recuou alguns passos e abriu rapidamente o tambor da arma. Quando olhou para Brigitte, seus olhos azuis mais pareciam os de uma víbora divertindo-se com a vítima.

— Eu mesma esgotei a carga — sorriu a espiã. — Ora vamos, colega: pode-se ser um pouco inexperiente, mas não tanto. Você mesmo disse, há pouco, que eu sou muito inteligente. Já mudou de opinião?

— Pretendia matar-me... sem balas?

— Bem, há muitos meios de matar, não acha? Um cavaleiro, amigo meu, emprestou-me um livro secreto que circula pela CIA. Não diz nada de novo, mas aguça a imaginação, recordando os infinitos recursos do ser humano para matar seus semelhantes, caso se faça necessário. E você...

Mihail Orkanov lançou-se de surpresa contra Brigitte, brandindo o revólver como pequeno mas perigoso tacape. Mas, a despeito de sua grande experiência, ainda lhe restava o que aprender. A vida é um constante aprendizado.

Uma dessas coisas que às vezes se aprendem tardiamente é que não se deve confiar numa jovem inexperiente, nem mesmo se ela estiver apenas de calça e sutiã.

Sem se alterar, Brigitte afastou a mão direita de Orkanov com a sua esquerda, aplicou-lhe, com a direita, violento golpe de judô no rosto. Ele caiu de costas, com o nariz fraturado e o rosto salpicado de sangue. Foi um golpe brutal, que deixou o homem da MVD aturdido. Orkanov sacudiu a cabeça e olhou para a espiã, que estava diante dele empunhando um bicheiro recém-afiado pelo gigante Keno.

— Não!... Não!... Não!...

Levantou-se de um salto e correu para o quarto, seguido de perto por Brigitte. Procurou embaixo do colchão, sacou de uma pistola com silenciador e virou-se desesperadamente.

Não teve tempo de apertar o gatilho, porque o bicheiro lhe atravessou a garganta, cravando-se entre o atlas e a segunda vértebra. Caiu de bruços na cama, morto.

Brigitte voltou para a sala-cozinha, recolheu as esmeraldas e saiu da casa tranqüilamente. Olhou para todos os lados e correu para o atracadouro. Quando a lancha se afastou, alguns pescadores, do Cais, e outros, de suas embarcações, ficaram perplexos.

Seria verdade, ou estariam vendo uma sereia do mar?

* * *

O helicóptero surgiu no ponto convencional e desceu lentamente sobre a lancha, que Brigitte fizera parar.

Quando já estava voando para o leste, o piloto olhou-a de soslaio.

— Tudo bem? — indagou.

— Ótimo. E na República Dominicana?

— Perfeito. A explosão não deixou uma única arma prestável. Eu sou...

— Não! — disse Brigitte, voltando-se para ele, quase alarmada. — Não quero saber quem é você! Permita-me que o chame simplesmente... Johnny.

— Como queira — concordou o piloto. — Mas você me disse que Johnny morreu...

— Não morreu — disse ela, num gemido. — Nunca morrerá para mim, porque sempre terei um Johnny a quem recorrer, um Johnny a quem salvar, um Johnny para me perdoar...

— Está sentindo alguma coisa?

— Não. Estou muito bem.

De repente, Brigitte. Montfort caiu em pranto. Chorava tão convulsivamente, que o piloto se sobressaltou.

— Acalme-se — murmurou ele. — Entendo perfeitamente. Sei o que se sente quando nos matam um companheiro. Mas tem de acostumar-se, Afinal, a morte é a paga dos espões.

SALÁRIO TERRÍVEL

Brigitte Montfort abriu o enorme envelope pardo que lhe entregara Charles Pitzer e ficou olhando para as pilhas de notas. Novas em folhas, ainda com a cinta da Casa da Moeda.

— Para mim? — murmurou.

Pitzer, comodamente sentado numa poltrona, gozando do conforto do *living* do apartamento de Brigitte, assentiu com a cabeça.

— Com as felicitações da Junta Diretora. São setenta e cinco mil dólares. Cinquenta mil correspondem a dez por

cento do valor das esmeraldas que você trouxe de Jamaica; os vinte e cinco mil restantes são o seu salário.

— Meu salário?

— Exato.

— O salário, para essa missão, havia sido fixado em vinte e cinco mil?

— Nem mais, nem menos.

— Johnny Kononen jamais poderá cobrar esse dinheiro.

— Lamento muito.

— Não obstante, recebeu outro salário...

— Não compreendo!

— O salário dos espões.

— Nem sempre se morre em missão; isto é, nem todos morrem...

— Sem dúvida. Alguns vivem e recebem vinte e cinco mil dólares, cinquenta mil, cem mil... Porém a espionagem é tão equitativa que tem um salário para os que morrem.

Pitzer agitou-se na poltrona.

— Você está emocionada, Brigitte. Afinal, sua atuação recebeu os aplausos dos chefes. Na verdade, os chefes me incumbiram de saber se você pretende continuar na CIA. Se vai continuar na espionagem.

— Vou — disse ela, pensativa, levando a taça de champanha aos lábios.

— Ótimo! — entusiasmou-se Pitzer.

— Vou, Tio Charlie, até o dia de receber o... salário terrível.

EPÍLOGO NA PRAIA

Quando Brigitte Montfort, aliás, “Baby”, terminou a sua história, os dois ficaram alguns segundos em silêncio. Precisamente então, ouviu-se o ruído de um helicóptero aproximando-se.

— Bem... — suspirou a espiã. — Um dos meus *Johnnies* me vem buscar de novo.

— Deve ter aprendido muito desde então, “Baby”.

— Acho que sim — levantou-se, apoiada na bengala com castão de prata que estava fincada na areja. — Aprendi muito.

— Mas não o suficiente — sorriu Pierson, sacando da automática.

“Baby” ficou olhando para ele, amavelmente, à luz da lua.

— Não consegue entender, *mister* Pierson — disse ela, com frieza, — Hoje em dia, será difícil haver alguém capaz de me enganar.

— Nem sequer eu? — riu-se Pierson.

— Nem sequer. Ora vamos, *mister* Pierson! Eu compreendi muito bem a sua jogada. Só nós dois sabíamos que vínhamos a esse bangalô. No entanto, os dois chefes fugitivos nos estavam esperando. O senhor já sabia que eu, a velha Duquesa, era “Baby”, e me trouxe para a cilada, mas teve que se amoldar as circunstâncias. Não lhe custava nada escutar a minha história enquanto esperávamos por Johnny, para matar-nos aos dois e escapar no helicóptero, mais rápido e prático do que o automóvel. Certo?

— De fato — riu-se abertamente Karl Pierson. — Espero que reconheça a superioridade do meu plano

— É bom — admitiu Brigitte. — Porém eu já lhe disse que, desde o “Caso Esmeraldas”, aprendi muito. Compreenda, *mister* Pierson: “Baby” seria um prêmio demasiado grande para um simples espião particular de segunda categoria.

— Talvez eu seja de baixa categoria, porém o certo é que posso matá-la neste instante.

— É... — suspirou Brigitte. — É o que parece. Talvez a minha dura aprendizagem tenha sido inútil.

Com a sua inigualável rapidez, Brigitte deixou-se cair de joelhos na areia. Karl Pierson, sobressaltado, apertou o gatilho e a bala passou por cima da espiã, perdendo-se por entre as palmeiras. Ela apertou o castão de prata da bengala e um longo estoque brilhou ao luar, porém apenas por uma fração de segundo, porque logo penetrou na garganta de Karl Pierson, empurrando-o para trás. Pierson caiu e o estoque, atravessando-lhe o pescoço, cravou-se na areia, tal o impulso com que Brigitte saltou, do chão, sobre o peito do homem.

A espiã apoiou um dos joelhos no tórax de Pierson e, com o outro pé, pisou-lhe a mão armada. Ainda havia luz de vida em seus olhos quando ela, sorrindo de um modo especial, murmurou:

— Como vê, Karl Pierson, chegou a sua vez de receber o... salário terrível dos espiões. Lamentavelmente, você...

Parou de falar, porque Karl Pierson não mais podia ouvir. Retirou o estoque de sua garganta, fazendo-o desaparecer novamente na bengala, aproximou-se da água e fez sinais para o helicóptero, que pousou na areia segundos depois. Recolheu sua maletinha do chão e embarcou.

— O tal Pierson não virá conosco? — perguntou o piloto.

— Não, Johnny: está muito entretido contando o seu salário.

— Salário?

— É... O salário dos espões — ficou pensativa e disse, baixinho: — o... salário terrível!

O piloto ficou olhando para Brigitte, sem entender, porém ela logo se reanimou, pedindo, com uma inocência infantil:

— Leve-me depressa para o meu hotel, sim, “Johnny”? Estou doida para tomar um banho quente. — Fez uma pausa. — Você não me convida para tomar champanha com cereja?

A seguir:





DICKENS MONTFORT EM AÇÃO

102

LÓU CARRISAN

O
salário
terrível